

**MEMORIAL**

**Célia Regina dos Santos Lopes**  
**Departamento de Letras Vernáculas**  
**Setor de Língua Portuguesa**  
**SIAPE 6362426**

**Memorial de atividades relativas à formação e  
atuação profissional submetido à Banca  
Examinadora no processo de promoção a  
Professor Titular**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Faculdade de Letras**  
**Departamento de Letras Vernáculas**  
**abril/2019**

## SUMÁRIO

1. Antecedentes .....	3
2. Formação acadêmica.....	6
3. Ensino de graduação na UFRJ.....	8
4. Inserção na pós-graduação .....	9
5. Caminhos da pesquisa.....	14
6. Produção científica.....	30
7. Outras atividades: bancas examinadoras, concursos públicos, extensão.....	38
8. Palavras finais.....	39
9. Referências .....	40

## 1. Antecedentes

O ponto de partida para a recuperação da história de uma pessoa, via um memorial, nem sempre é fácil definir. Começar pela sua infância para tentar compreender a sua trajetória de vida ou iniciar pela sua vida efetivamente acadêmica na Universidade? A reconstrução das nossas memórias a partir de fragmentos perdidos do nosso passado talvez possa ajudar a entender como chegamos até aqui. Juntamos alguns cacos como fotografias perdidas que dispostas com alguma linearidade cronológica podem revelar cinematograficamente uma história de vida orientada pelo acaso.

Sou oriunda de uma família simples de pais portugueses que repetiam o lema da educação como a única herança possível a ser deixada por eles. Sempre estudei em escolas públicas começando por uma escola municipal no bairro da Água Santa, que fica em um subúrbio carioca, passando por uma escola técnica federal, no Maracanã, até chegar à Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão. Por ser muito estudiosa, fazia parte do “Pelotão da Bandeira” (os difíceis anos 70!), o que orgulhava a meu pai e hoje me causa certo desconforto pelo que aquilo representava. O magistério era o caminho mais comum para as meninas da minha época, mas eu queria independência financeira e repudiava o antigo desejo de minha mãe de ser professora primária. Durante o curso técnico de Secretariado, comecei a fazer estágios remunerados na Fundação MUDES e meu sonho, nos limites da minha visão de mundo à época, era concluir o Ensino Médio (Técnico) e começar a trabalhar como Secretária Executiva! A vida tinha outros planos para mim. Sem fazer os famosos cursinhos preparatórios, prestei vestibular para Letras, em 1982. Não tinha pretensões de fazer universidade naquele momento e a escolha talvez tenha sido a admiração pela professora-poeta Lena Jesus Ponte que me fascinava com suas aulas (os professores sempre me motivavam mais do que as disciplinas ministradas). A aprovação no curso de Português-Literaturas na Universidade Federal do Rio de Janeiro foi um misto de felicidade e frustração (por falta de um termo melhor). A UFRJ era a melhor universidade pública do Rio de Janeiro, o sonho de consumo de meus amigos da classe média tijuca que estudavam comigo, mas meus planos de independência financeira teriam que ser adiados por mais alguns anos.

O primeiro semestre do curso de Letras, em 1983, abriu minha mente para uma concepção completamente nova e inovadora sobre o ensino de língua portuguesa em uma perspectiva nada tradicional. Rompia-se aquela oposição dicotômica entre o *certo* e *errado*. Os nossos olhos ingenuamente revolucionários brilhavam na disciplina ministrada pela Professora Silvia Figueiredo

Brandão, sobre a variação no Português Brasileiro. Disciplinas como Latim e Grego genéricos também despertaram um encantamento sobrenatural nos estudantes recém-chegados na universidade.

Para arcar com minhas despesas, voltei, em 1984, a fazer estágio no Centro de Pesquisa e Informação de Assuntos Educacionais da Fundação Mudes. Embora, naquela altura, não fizesse ideia do que era pós-graduação, estagiava prestando assessoria na organização do banco de dados referente a cursos de pós-graduação, atendendo a consultantes e informando sobre cursos de pós-graduação no Brasil e no exterior. Um prenúncio do que viria mais tarde? Talvez.

Em 1986, o interesse pela atuação no ensino, renegado por mim na adolescência, foi acionado, de certa forma, a partir de um projeto desenvolvido com outros alunos da graduação. Com a orientação do Professor Edwaldo Cafezeiro, o primeiro Diretor eleito pelo voto direto na Faculdade de Letras da UFRJ, um grupo grande de alunos elaborou um projeto de pesquisa intitulado *O ensino de Língua Portuguesa no 1º e 2º graus em escolas da periferia da Cidade Universitária*. O principal objetivo desse projeto que já aliava ensino e pesquisa era ministrar aulas nas escolas municipais na comunidade da Maré que fica nas redondezas do campus. A ideia norteadora era utilizar métodos alternativos de ensino de língua portuguesa, aprimorando assim a expressão oral e escrita do alunado. Em 1986, no ano em que casei, recebi uma bolsa de Iniciação Científica da UFRJ, sob a orientação do Professor Doutor Manuel Antônio de Castro, para desenvolver o projeto: *Novo ensino de Literatura e da Língua no 1º e 2º graus*. Em 1987, atuei como professora de Língua Portuguesa e de Redação, com bolsa de monitoria da UFRJ, no Curso Pré-Vestibular da Associação de Servidores da UFRJ. O magistério que aliasse ensino e pesquisa já despertava em mim o desejo por uma atuação profissional mais alternativa e engajada politicamente.

Em 1988, nasceu minha filha Carolina e, nesse mesmo ano, fui aprovada no magistério público do estado do Rio de Janeiro, em que atuei por seis anos como professora de língua portuguesa e literatura. De 1998 a 1992, lecionei no ensino supletivo e de 1992 a 1994, no ensino médio. Durante o mesmo período (1987-1994), trabalhei como Técnica em Assuntos Educacionais na Sub-Reitoria de Pessoal da UFRJ. Fui, de 1987 a 1990, Coordenadora Geral do Programa de Educação Básica para funcionários, sendo responsável pelo planejamento, supervisão e reformulação de propostas para cursos de capacitação profissional de servidores. Tratava-se de um projeto bastante emblemático porque identificamos uma parcela significativa de servidores analfabetos trabalhando na Universidade e não medimos esforços para dar conta de tal demanda oferecendo cursos de alfabetização de adultos. A partir de 1990, passei a atuar, ainda como Técnica em Assuntos

Educacionais, como assessora da Coordenação do Projeto NURC (Norma Urbana Oral Culta) a partir de um generoso convite da então Pró-Reitora de Pesquisa, Professora Doutora Maria Helena Marques. Organizei o acervo do projeto, além de outras atividades vinculadas ao subprojeto do Léxico do NURC coordenado pela Professora Maria Helena. Ao mesmo tempo, desenvolvia outras atividades mais gerais, com destaque para supervisão gráfica e revisão dos volumes com as transcrições do projeto NURC: *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro – materiais para o seu estudo* (Elocuções Formais e Diálogos entre Informante e Documentador). Foi neste momento que conheci a Professora Doutora Dinah Callou, o que foi decisivo para abrir meus horizontes na pesquisa científica *stricto sensu*.

Em 1989, por sugestão do Professor José Carlos Azeredo, participei do processo seletivo para ingresso no Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. Iniciei o curso em 1990 e tive oportunidade de aprimorar, naquela ocasião em que os cursos de Mestrado eram feitos em até 4 anos, meus conhecimentos na área da pesquisa em Linguística, cursando diferentes disciplinas de várias áreas como Dialectologia, Estatística, Teoria da Variação, entre outras tantas. Em 1993, defendi a dissertação intitulada *Nós e A gente no português falado culto no Brasil*, sob orientação da Professora Dinah Maria Isensee Callou a partir do corpus do Projeto NURC - Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador. Com base no trabalho pioneiro de Nelize Omena (1986), analisei as variáveis linguísticas e sociais que condicionavam a variação de *nós* e *a gente* entre falantes cultos, aplicando a metodologia e técnicas variacionistas. O trabalho teve uma grande repercussão, funcionando como gatilho para estudos posteriores feitos a partir dele, principalmente a partir da sua publicação no volume 14, 2 da *Revista Delta* (LOPES, 1998). Não posso deixar de lembrar que as ideias norteadoras do trabalho estavam em Omena (1986), mas o seu excelente estudo não constituiu uma dissertação, o que pode ter favorecido a projeção dos resultados da minha pesquisa. Desígnios da sorte.

Em 1993, já como Mestre, participei e fui aprovada no processo seletivo para o ingresso no Doutorado em Língua Portuguesa na UFRJ. No mesmo ano, prestei concurso de provas e títulos para provimento de vaga de Professor Assistente do Departamento de Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) da UFRJ, tendo sido aprovada em 3º lugar. Nunca imaginei que ia ser professora de uma universidade pública tão importante. Isso não estava nos meus planos iniciais. O destino traçou planos inimagináveis para mim.

Assim, em 1994, após seis anos atuando no magistério público como professora de ensino fundamental e médio e, ao mesmo tempo, trabalhando como funcionária da UFRJ, onde pude coordenar diretamente projetos de alfabetização de adultos, dei início às atividades fundamentais

ao meu percurso acadêmico como professora de ensino superior e pesquisadora: o ingresso no Doutorado em Língua Portuguesa e a contratação por concurso como professora de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas na UFRJ. De lá para cá, foram mais de 24 anos de dedicação exclusiva e irrestrita ao ensino de graduação e de pós-graduação; à pesquisa científica; à formação de recursos humanos nos diversos níveis (graduados, mestres, doutores e pós-doutores); à gestão acadêmico-administrativa e, em menor escala, à extensão universitária.

O resgate das minhas memórias será predominantemente cronológico e eventualmente temático.

## 2. Formação acadêmica

A motivação para o tema da tese de Doutorado veio por caminhos um tanto distintos. O primeiro, mais natural, foi dar continuidade ao que havia estudado no Mestrado. Depois de analisar a variação entre *nós* e *a gente* em dados sincrônicos comecei a me perguntar como teria sido tal processo de mudança e por que *a gente*, que originalmente era uma forma nominal, teria passado a funcionar como uma forma variante de primeira pessoa do plural. A outra motivação pode ser considerada um tanto inusitada. Quando acabei de escrever a dissertação me deparei com uma tradução de um livro de Heidegger. Recupero um trecho que consta da epígrafe da dissertação:

*“O 'a gente' está em toda a parte, mas de um tal modo que, sempre que o ser-áí o pressiona a uma decisão, ele escapa. Exatamente pela razão do 'a gente' apresentar todos os julgamentos e decisões como propriedade sua, ele priva cada ser-áí de sua própria responsabilidade. Por assim dizer, o 'a gente' pode manipular a todos para ser invocado constantemente, pode responsabilizar-se por tudo com grande facilidade, exatamente porque ele não é alguém que precisa dar testemunho de coisa alguma. Foi sempre o 'a gente' quem fez, e também se pode dizer que foi 'ninguém'(...) em sua cotidianidade, cada ser-áí é aliviado pelo 'a gente'.” (HEIDEGGER, M., 1981)*

Assumi a inquietação do filósofo, em um outro prisma obviamente, mas tentei entender por que um nome que significa(va) um “grupo de pessoas” passa a acionar a interpretação de *inclua o falante*. Não posso deixar de dar o crédito do gatilho da pesquisa à Professora Miriam Lemle. Em uma conversa informal na porta do Departamento de Linguística da UFRJ, ela de maneira bem simples me deu o cerne da tese: *gente* pressupõe *pessoa*, o *eu* também é *pessoa*, logo o *a gente* passa a incluir o *eu*. Em outras palavras, o traço de *pessoa* inclui, em termos semânticos, o *eu* que, por sua vez, é

um *ser-pessoa*. A forma *a gente* e outras formas de mesma natureza em diversas línguas do mundo acabam por ocupar um lugar funcional que o próprio pronome *nós* pode assumir: a referência ao *eu ampliado* a que se refere Heidegger (*eu + você, eu + ele, eu + todo mundo*). Neste contexto, mais com o uso de *a gente* do que com o emprego de *nós*, o indivíduo fica disperso no grupo, no *todo mundo* que inclui o *eu* e o exclui. O *a gente* se encobre e se acomoda no coletivo (cf. HEIDEGGER).

Fiz uma tese nada tradicional, uma tese teoricamente eclética, o que pode ser uma heresia para alguns. E o foi, de certa forma. Como era um estudo histórico, acompanhando o processo de mudança de *gente* para *a gente* desde o século XIII até o século XX, tive que recorrer à ajuda de filólogos em busca de edições confiáveis e, nesse sentido, o Professor Edwaldo Cafezeiro, da UFRJ, e a Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, da UFBA, foram grandes colaboradores na escolha dos textos para a análise. Teoricamente, posso considerar que a tese é bastante heterodoxa, pois há nela uma conjugação de visões de análise distintas: uma abordagem funcionalista tenta explicar o fenômeno via gramaticalização, uma proposta de caráter mais formal (meio minimalista) procura explicar os traços subespecificados de pessoa, gênero e número do nome *gente* e da forma pronominal *a gente*, há uma descrição histórica do fenômeno ancorada na Linguística Histórica e, por fim, uma análise sociolinguística quantitativa com dados de fala, contrapondo um estudo de tempo real e de tempo aparente com dados do Projeto NURC-RJ (um dos primeiros estudos feitos no Brasil que utilizava a proposta recém-lançada por Labov, 1994). Um pouco de tudo. Tive a colaboração de muitas pessoas admiráveis e acolhedoras que passaram pela minha vida: a Professora Dinah Callou com sua orientação firme e disciplinada, o Professor Jairo Nunes que abriu meus olhos para uma perspectiva bastante interessante de analisar os dados, a Professora Miriam Lemle, que, de certa forma, acendeu uma luz para o encaminhamento da tese em uma conversa rápida de que certamente ela não se recordará, além de tantas outras pessoas que acompanharam e me ajudaram na conclusão do trabalho (Professores Cafezeiro, Rosa Virgínia, Antony Naro, Marta Scherre, Silvia Brandão, Vera Paredes, Luis Paulo Moita, Maria Eugenia, e tantos outros, além da então bolsista Márcia Rumeu que me ajudou na coleta dos dados).

A tese foi orientada pela Professora Dinah Callou da UFRJ e pelo Professor Jairo Nunes da Unicamp/USP e deu outra forte guinada na minha vida acadêmica a partir da sua publicação, em 2003, na Alemanha/Madrid pelas editoras Vervuert/Iberoamericana. Publicada na coleção *Linguística Iberoamericana*, volume 18, o livro *A inserção de a gente no quadro pronominal do português* proporcionou grande visibilidade nacional e internacional à pesquisa que vinha desenvolvendo na UFRJ sobre os pronomes pessoais do português. O convite para publicação no

exterior foi feito durante as atividades do *Projeto Para uma História do Português Brasileiro – PHPB*, em Campinas, dias antes da defesa da Tese em 1999. Por conta do convênio Probral/CAPES/DAAD, coordenado no Brasil pelo Professor Ataliba de Castilho e na Alemanha por Wulf Oesterreicher, estavam presentes vários pesquisadores alemães, entre eles, o Prof. Dr. Eberhard Gärtner (Universidade de Leipzig) que coordenava a referida Coleção *Lingüística Iberoamericana*. Naquele encontro ele se interessou por publicar a tese depois de ter tido oportunidade de ouvir a minha comunicação no evento do PHPB. Outro momento em que o fator sorte foi atuante. É preciso resgatar e agradecer a essas pessoas que sempre estiveram presentes no meu percurso e que me ajudaram na minha formação. O Professor Ataliba de Castilho sempre foi um grande incentivador e um exemplo no fazer acadêmico.

### **3. Ensino de graduação na UFRJ**

Passei a integrar o quadro de professores permanentes no Departamento de Letras Vernáculas, em 1994, quando fui aprovada em terceiro lugar no concurso público para Professor Assistente em Língua Portuguesa. De lá para cá, já foram 24 anos de atuação na Faculdade de Letras da UFRJ, ministrando disciplinas obrigatórias nos cursos de Graduação em Letras. Inicialmente, ministrava as disciplinas Português I (A língua Portuguesa no Brasil), Português II (Morfossintaxe do Português) e eventualmente Português Instrumental. Quando concluí o Doutorado em 1999, passei a ministrar basicamente a disciplina Português IV (História da Língua Portuguesa) por ter uma vinculação mais direta com a minha pesquisa e formação acadêmica. Em 2010, quando houve a mudança do currículo de graduação na Faculdade de Letras da UFRJ, ministrei por dois semestres a disciplina Morfologia do Português.

A primeira orientação de alunos na Iniciação Científica teve início em 1996. Atuei, em parceria com a Professora Dinah Callou, como co-orientadora da estudante Márcia Cristina Brito Rumeu que veio, mais tarde a ser minha orientanda de Mestrado e Doutorado e atualmente é Professora na UFMG. Meu orgulho! Com a conclusão do Doutorado em 1999 e a aprovação do meu projeto no *Programa de Apoio a Docente Recém-Doutor “Antonio Luís Vianna – 1999”* da Fundação José Bonifácio tive a minha primeira quota oficial de bolsa de Iniciação Científica IC, além de uma verba no valor de (R\$8.000,00) concedida pelo edital para compra de equipamentos diversos para o projeto *Novas formas pronominais pessoais do português: percurso histórico* (processo 8991-5). Continuei



sendo uma pessoa de bastante sorte, pois nos 24 anos que atuo na Graduação, sempre tive bolsas de iniciação científica aprovadas, seja no âmbito da UFRJ pelo PIBIC, seja no da FAPERJ, ou ainda, por meio dos editais do CNPq (Universal e Ciências Humanas). É claro que também já recebi respostas negativas dos órgãos de fomento, mas os pedidos aprovados superaram as negativas. Foram assim concluídas 37 orientações de Iniciação Científica, sendo que 13 alunos desse total foram meus orientandos no Mestrado e 05 no Doutorado nos Programas de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e/ou Neolatinas.

De agosto de 1999 a dezembro de 1999, fui coordenadora do Setor de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Vernáculas, gestão interrompida por um afastamento do país para a realização de um pós-doutorado a partir de janeiro de 2000. O pós-doutorado foi realizado em duas etapas. Nos dois primeiros meses, a pesquisa foi realizada em Lisboa junto ao Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e, no período restante (de março a agosto), realizei as atividades na Universidade Autónoma de Madri. O projeto previa comparar o processo evolutivo de *Vossa mercê* > *você* em português e *Vuestra merced* > *usted* em espanhol, tendo em vista que, embora as duas formas (*você* e *usted*) apresentem hoje um comportamento distinto nas duas línguas, a evolução das mesmas têm uma origem comum (CINTRA 1972: 19). O ponto norteador da pesquisa centrou-se nas referências encontradas na bibliografia sobre a *origem estrangeira* da forma de tratamento *Vossa Mercê*, que passa a ser empregada em Portugal como fórmula de cortesia, através da adaptação do castelhano. Para dar conta de tal proposta, foi necessário o levantamento de fontes documentais de mesma natureza. Foram assim, reproduzidas a partir de 3 microfimes da BN de Lisboa 85 entremezes portugueses dos séculos XVIII e XIX. Para o espanhol, reproduzimos em fotocópia entremezes dos séculos XVII e XVIII, uma vez que tal tipo de peça teatral foi mais produtiva em Espanha se comparado a Portugal. Além das fontes documentais para análise, publiquei os primeiros resultados da pesquisa na Revista Linguística da ALFAL<sup>1</sup>, em 2002. Tive inclusive oportunidade de reunir uma bibliografia expressiva sobre formas de tratamento nas duas línguas a partir de visitas a bibliotecas universitárias.

#### **4. Inserção na pós-graduação**

---

1 Lopes, Célia Regina dos Santos. *Vossa mercê*>*você* e *vuestra merced*>*usted*: o percurso evolutivo ibérico. *Revista Lingüística (ALFAL)*, Nº. 14, 2002, págs. 173-190.

O credenciamento no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (PPG-LEV) deu-se em 2001 quando passei a atuar como docente permanente vinculada à Linha de Pesquisa Língua e Sociedade: variação e mudança. Os cursos ministrados, nos últimos 17 anos de atuação no PPG-LEV, estiveram sempre associados aos processos de mudança linguística no português brasileiro, seja no âmbito da gramaticalização, seja no âmbito da Sociolinguística Histórica. As temáticas norteadoras buscam explicar, no geral, por que e como as línguas mudam e, em particular, como o português brasileiro foi sendo constituído, principalmente, nos últimos dois séculos.

A minha formação, como mencionei, em um primeiro momento, estava vinculada aos processos de variação sincrônica em uma perspectiva quantitativa laboviana com a participação, desde o Mestrado, no Projeto *NURC: Norma Urbana Oral Culta*, coordenado pela Professora Dinah Callou no Rio de Janeiro. Na pesquisa desenvolvida no Doutorado, contudo, o olhar voltou-se para a diacronia, procurando explicitar as causas das mudanças ocorridas no nosso sistema pronominal. O intuito era o de contribuir para uma descrição mais acurada da história da língua portuguesa, *no* Brasil e *do* Brasil. Tal perspectiva ganhou mais força a partir do momento que passei a integrar a equipe do projeto nacional *Para uma História do Português do Brasil – PHPB*, em 1997.

Em uma primeira fase, os cursos ministrados estavam centrados na discussão teórica do fenômeno da gramaticalização com forte influência dos princípios de Hopper (1991) e Lehmann (1985). A ênfase centrava-se nos fenômenos de recategorização a partir da mudança dos traços intrínsecos das categorias-fonte em relação à categoria-destino. Em um primeiro momento, tentava dar um caráter mais formal às discussões, talvez por influência de formação no Doutorado. Tal abordagem com base na perda e adoção de traços permitiu a discussão da gramaticalização de nomes para pronomes, de verbos plenos a auxiliares, de advérbios a conectores, de relativos a complementizadores.

Em 2003-1, por exemplo, ofereci a disciplina “Gramaticalização e ensino: aspectos da língua portuguesa”, em parceria com a Professora Doutora Márcia dos Santos Machado Vieira do Programa de Letras Vernáculas. No ano seguinte, em 2004, foi ministrada a disciplina intitulada “Gramaticalização, recategorização e ensino de português”, que se propôs a discutir o fenômeno de gramaticalização em português a partir de suas concepções, princípios e estágios. Confrontaram-se gramaticalização e reanálise com base em estudos de casos. Foram discutidos também: a postulação das propriedades semântico-discursivas e formais para a configuração das classes: *nome, pronome, verbo, (advérbio e conjunções)*; os processos de mudança categorial; os traços primitivos (*gênero*,

*número e pessoa*) para distinção dos nomes e pronomes e as contribuições da pesquisa para o ensino em língua portuguesa com a apresentação de propostas para elaboração de material didático.

Em 2006, a disciplina “Gramaticalização e aspectos sócio-pragmáticos: análise de casos” foi oferecida em parceria com a Professora Doutora Letícia Rebollo Couto. A disciplina atendeu tanto aos alunos do PPG-LEV, quanto aos alunos do Programa de Neolatinas. Esta parceria se consolidou por alguns anos a partir do momento em que fui credenciada como colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Neolatinas, oferecendo disciplinas eventualmente e orientando alunos de Mestrado como co-orientadora ou mesmo como orientadora.

Diversos orientandos defenderam suas dissertações adotando a perspectiva da gramaticalização com base nos princípios da *de(s)categorização* e *persistência* de traços formais e semânticos. Os postulados centrais eram os de que as formas que se gramaticalizam tenderiam a neutralizar as marcas morfológicas e privilégios sintáticos da categoria-origem, adotando alguns traços da categoria que passam a fazer parte. Pelo gradualismo do processo, a *de(s)categorização* pode evidenciar algumas *persistências*, uma vez que nem todas as propriedades lexicais são perdidas e muito menos são assumidas todas as características da nova categoria da qual passou a fazer parte a forma gramaticalizada. Nessa linha de raciocínio a identificação das persistências formais interfere sobremaneira na *de(s)categorização*. Para citar as primeiras dissertações, sob minha orientação, que adotaram tal linha, destaco: (i) a dissertação de Márcia Rumeu defendida, em 2004, e intitulada *Para uma História do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*; (ii) a dissertação de Bianca Graziela Souza Gomes da Silva intitulada *O caminhão que eu trabalhava com ele subia qualquer ladeira: um estudo sobre a gramaticalização do “que”*, defendida em 2005. No primeiro trabalho, Márcia Rumeu propõe a mudança dos traços de gênero, número e pessoa de *Vossa Mercê* para *você*, com uma releitura da proposta feita por Lopes (1999) para a gramaticalização de *gente* para *a gente*. No segundo caso, Bianca Silva procura mostrar que propriedades o pronome relativo perderia ao funcionar como um complementizador.

Os cursos seguintes ministrados e as dissertações/teses de orientandos, que são reflexo de tal abordagem, ganharam com o tempo um tom mais voltado para análises de cunho sócio-histórico por conta dos próprios avanços do *Projeto Para uma História do Português Brasileiro – PHPB*. Os desafios do enfrentamento com as fontes documentais manuscritas dos séculos XIX e XX – paulatinamente descobertas nos acervos e transcritas/editadas por nossa equipe de orientandos – despertaram novas questões de pesquisa.

Nos cursos oferecidos, as discussões teóricas no âmbito das Tradições Discursivas tiveram que ser incorporadas para dar conta dos problemas inerentes aos estudos da Sociolinguística Histórica. É preciso discutir o problema das fontes de análise para o estudo do passado que são apenas constituídas por documentos escritos que, na verdade, não representam necessariamente o vernáculo dos seus usuários. Saber até que ponto determinado uso linguístico encontrado em um texto do passado faz parte da norma da época ou representa uma tradição do gênero em análise é um dos problemas que precisamos enfrentar quando analisamos fontes documentais pretéritas. As questões relacionadas aos *corpora* históricos passaram a fazer parte das disciplinas oferecidas nos cursos de pós-graduação. Um dos primeiros cursos foi oferecido em parceria com o Professor Uli Reich, atualmente docente da Freie Universität de Berlin. Em 2007, o Professor Uli Reich era da Universidade de Colônia (Alemanha) e obteve uma bolsa da CAPES para atuar como professor visitante por um ano no PPG-LEV. Nesta ocasião, oferecemos, em parceria, a disciplina *Mudança linguística e tradição discursiva: introduzindo a questão*, que se propunha a discutir, entre outros aspectos, as diferenças entre Tradição textual vs. História da Língua e a relevância do conceito de Tradição Discursiva para o estudo da mudança linguística.

Esses cursos oferecidos com outros docentes na Pós-Graduação se intensificaram quando passei a supervisionar mais intensamente pesquisadores realizando pós-doutorado no PPG-LEV. Um deles foi ministrado, em 2012, quando supervisionei o pós-doutorado com bolsa do CNPq de Juliana Barbosa de Segadas Vianna (atualmente docente da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus de Nova Iguaçu). Além de vários artigos que publicamos em parceria e que constam do relatório de atividades, tivemos oportunidade de oferecer em colaboração no PPG-LEV a disciplina “Sociolinguística histórica: questões teóricas e fenômenos de mudança”.

Em 2014, também ministrei em parceria a disciplina *Tradição discursiva, sociolinguística histórica e processos de mudança no português brasileiro: problemas e soluções*. Neste caso, a colaboração foi feita com a Professora Valéria Gomes Severina da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco, que também fez um Pós-Doutorado Júnior, sob minha supervisão, com bolsa do CNPQ (processo 501554/2013-0). O projeto desenvolvido por Valéria Severina intitulado *Tradições discursivas, variação e mudança no sistema pronominal de tratamento do português brasileiro em cartas pessoais pernambucanas (séculos XIX e XX)* também rendeu várias publicações de artigos em revistas científicas em coautoria.

Em 2017, tive oportunidade de ministrar outra disciplina em parceria com uma professora que realizava pós-doutorado sob minha supervisão. Neste caso, a disciplina oferecida intitulava-se

*Sociolinguística Histórica e mudança linguística no português brasileiro e no português europeu* e foi ministrada com a Professora Izete Coelho da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nos últimos 17 anos que atuei no PPG-LEV, orientei e co-orientei alunos de mestrado e de doutorado, além das supervisões de pós-doutorado iniciadas em 2012. Em 2004, defendeu minha primeira orientanda de Mestrado, Márcia Cristina de Brito Rumeu, hoje professora da UFMG. Foram 15 mestres formados desde então. Dos 15 mestres, cinco atuam como professores efetivos em diversas universidades federais no Brasil (UFRJ, UFRRJ e UFMG) e quatro deles em Institutos Federais ou Escolas Municipais. Em 2008, defendeu tese, sob minha orientação, a primeira Doutora que formei. Desde então, foram oito Doutorados concluídos, sendo que, em um caso, atuei como co-orientadora. Praticamente todos os doutores (com uma exceção apenas) atuam como docentes concursados em universidades federais ou institutos federais. De 2012 a 2017, supervisionei quatro pós-doutorados. No período em que atuei no Programa de NeoLatinas da UFRJ, orientei dois mestrados e co-orientei outros dois. No âmbito geral, levando em conta os dois programas de pós-graduação em que atuei, foram formados: 19 mestres e 08 Doutores, além da supervisão de 04 Pós-Doutorados. Além dessas orientações, tive mais de 30 orientandos de iniciação científica que me auxiliaram, em um primeiro momento, no desenvolvimento da minha pesquisa e, em um segundo momento, ingressaram com pesquisas próprias na pós-graduação. Atualmente, tenho 03 orientações de doutorado, 02 de mestrado e 02 de iniciação científica em andamento. Sou muito grata a todos eles com quem aprendi muitíssimo com as pesquisas desenvolvidas por cada um. Aprendemos muito com nossos alunos.

Além da atuação como docente permanente, tive a oportunidade de contribuir para o PPG-LEV como coordenadora em dois mandatos. No primeiro deles, atuei como coordenadora durante todo o período de 2005 a 2007. No segundo, de 2011-2013, iniciei como, substituta eventual, assumindo, no último ano do mandato, a coordenação. O primeiro mandato foi um período de grande aprendizado sobre o funcionamento dos programas de pós-graduação. Assumi e tentei dar continuidade às gestões anteriores que procuravam elevar o nível do curso com adequações às exigências da CAPES. Procuramos implementar políticas que atendessem à maior visibilidade nacional e internacional do PPG-LEV. No primeiro mandato, criamos uma nova revista a *Diadorim* que se coaduna à dualidade do nosso Programa, que é misto. A revista publica estudos literários e linguísticos, atende aos fortes critérios de análise dos pares e procura manter uma periodicidade regular. Foi nessa gestão que solicitamos junto à CAPES a vinda de um professor visitante para atuar por um ano no Programa, ministrando disciplinas e orientando nas linhas de prosódia e de variação.

Como mencionei antes, convidamos o Professor Uli Reich, da Universidade de Colônia, na Alemanha, que teve uma atuação bastante participativa com vários docentes do PPG-LEV. A sua vinda consolidou os laços acadêmicos entre a UFRJ e universidades alemãs, garantindo desdobramentos futuros na internacionalização do nosso Programa. Conseguimos, a partir desse contato iniciado em 2007 com o Professor Uli Reich, firmar um acordo de cooperação/intercâmbio de alunos entre a UFRJ e a *Frei Universität Berlin*. O intuito era institucionalizar a integração estabelecida entre as duas universidades através das parcerias acadêmicas entre docentes do PPG-LEV e o Professor Catedrático Uli Reich da *Freie Universität Berlin*. O início desse contato, como mencionado, se deu com a vinda do Professor Uli Reich para atuar no PPG-LEV com bolsa da CAPES em 2007. Um dos desdobramentos dessa participação foi o desenvolvimento do *Projeto Processos Urbanos*, coordenado por mim, no Brasil e por Uli Reich, na Alemanha. Foram realizados dois eventos desse Projeto, no Rio de Janeiro e em Berlim, e uma publicação, em 2009, de artigos no número 39 do periódico *Neue Romania*. Outras atividades foram desenvolvidas, como a organização de uma sessão temática “*Variation and change in the city of Rio de Janeiro*” no *Sociolinguistics Symposium 19*, que foi realizada em agosto de 2012, na *Frei Universität Berlin*. No segundo mandato, intensificamos junto à equipe docente e discente o compromisso de elevar a nota do Programa junto à CAPES e obtivemos, finalmente, pela primeira vez, depois um esforço coletivo sobrenatural, a nota 6,0 tão merecida ao nível de excelência do nosso Programa de Pós.

Concluo essa parte afirmando que o ensino é a mola propulsora que mais me motiva na Universidade. Minha mãe estava certa, como todas as mães sempre estão.

## **5. Caminhos da pesquisa**

Início o tópico de Pesquisa em 1999 a partir da defesa da tese de Doutorado. Recupero aqui uma frase, na verdade, uma máxima muito impactante dita por Dinah Callou, minha orientadora, que não reproduzirei literalmente porque me recorro da ideia e não do texto: *só se torna um pesquisador de verdade depois de concluído o Doutorado*. Na ocasião, o comentário me deixou perplexa porque considerava que estava realizando o trabalho mais importante da vida pelo sacrifício, entrega e dedicação que a pesquisa de Doutorado exige. Parecia insano não considerar que era uma pesquisadora quando realizava o doutorado. Foram quase seis anos de dedicação. Foram seis anos da minha existência! A maturidade me fez entender o significado da sempre sábia Dinah

Callou. O Doutorado é uma provação, um trabalho encomendado com data para começar e acabar, como ela repetia, uma etapa da nossa vida que nos dá o passaporte para caminhos próprios da pesquisa, por isso partirei daqui: depois do título de Doutor.

Dois encaminhamentos importantes e intrinsecamente relacionados tiveram início após a defesa da tese de Doutorado. O primeiro deles foi a aprovação do *Projeto Novas formas pronominais pessoais no português: percurso histórico*, pela Fundação José Bonifácio (FUJB). Tratava-se de um Programa de financiamento intitulado *Apoio a Docente Recém-Doutor Antonio Luís Vianna – ALV 1999*. Foi um excelente pontapé inicial de incentivo à pesquisa de uma docente-pesquisadora iniciante. Os recursos financeiros permitiram a compra de equipamentos para o Projeto, além da concessão de uma bolsa de iniciação científica. O segundo encaminhamento foi o afastamento, em 2000, para a realização do meu primeiro pós-doutorado por um semestre em Lisboa e Madri como já mencionei.

O projeto inicial do ALV'99/FUJB tinha duas frentes de atuação. De um lado, propus organizar um *corpus* diacrônico composto por documentos escritos no Brasil e, de outro, pretendia realizar pesquisas sobre a mudança gramatical com o intuito de conhecer a realidade linguística brasileira nos (então) 500 anos de percurso. Para tanto, busquei alguns temas que comprovadamente apresentavam comportamentos distintos nas modalidades brasileira e portuguesa da língua. Na fase inicial da pesquisa, optei por estudar a inserção e o comportamento sintático-discursivo de novas formas – particularmente *você* e *a gente* – no sistema de pronomes pessoais no Português do Brasil e de Portugal, estabelecendo o mapeamento diacrônico dessas formas e discutindo o fenômeno da pronominalização de nominais nas línguas românicas (na realidade tal temática norteou os meus projetos de pesquisa que foram desenvolvidos nos últimos 18 anos).

O projeto de pós-doutorado realizado no primeiro semestre de 2000 tinha como motivação investigar a dita “origem estrangeira” da forma de tratamento *Vossa Mercê* que deu origem a *você*. Autores como Cintra (1972) afirmam que o tratamento *você* passou a ser empregado em Portugal como fórmula de cortesia, através de uma adaptação do castelhano. Uma suposta origem estrangeira de *Vossa Mercê* que teria entrado em Portugal – via uma adaptação do castelhano – e o caráter mais conservador desse tratamento no português europeu (se comparado ao português brasileiro) incitou-me a estabelecer um paralelo entre os dois processos de mudança: *Vossa Mercê* > *você* em português e *Vuestra Merced* > *usted* em espanhol. Durante o estágio no exterior, foi possível levantar materiais nas bibliotecas ibéricas (Bibliotecas Nacionais de Lisboa e Madri) para conjugar as principais atividades do projeto financiado pelo ALV'99 FUJB: constituição de *corpora* e análise da mudança

linguística no sistema pronominal. Foi neste primeiro estágio no exterior que dei início à organização de *corpora* diacrônicos comparativos do português europeu, do português brasileiro e do espanhol. Nessa empreitada, copiei e transcrevi um conjunto de 89 peças teatrais populares (entremezes) portuguesas (85 impressas e 04 manuscritas dos séculos XVIII e XIX), além de um conjunto bastante amplo de entremezes espanholas dos séculos XVI ao XVIII. Na Biblioteca Nacional de Lisboa, localizei cartas manuscritas produzidas no Rio de Janeiro no século XIX, entre outros materiais. Como resultado do projeto, publiquei os documentos transcritos ao lado dos manuscritos ainda em uma versão em CD e parte do acervo passou a fazer parte do *Projeto Para uma História do Português Brasileiro – PHPB*, na sua versão formada por pesquisadores do Rio de Janeiro.

Destaco que os resultados desses dois projetos iniciais (ALV'99 e Pós-Doutorado em Lisboa e Madri) abriram novas frentes de investigação não apenas para o meu projeto pessoal sobre pronominalização de nominais, mas também para meus orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado. Além da discussão do processo de mudança de *gente* para *a gente*, agreguei aos meus interesses de pesquisa as mudanças ocorridas com o tratamento *Vossa Mercê* > *você* no contraste entre o português europeu e o português brasileiro, confrontando ainda com o que ocorreu com a história de *usted* no espanhol.

Estas duas frentes de pesquisa – história do *a gente* e do *você* – marcaram a minha trajetória na pesquisa junto com parceiros e orientandos dentro e fora da UFRJ, tanto em termos dos processos de variação sincrônica quanto em termos de mudança diacrônica. O caminho que norteou as minhas atividades de pesquisa foi sempre seguir uma vertente que valorizava (i) a organização de materiais históricos para os estudos de mudança e (ii) a realização de análises de fenômenos linguísticos a partir deles. Esses dois caminhos se entrecruzam ao longo de todo meu percurso acadêmico com os enfoques que foram determinados pelo próprio objeto de estudo com o qual escolhi trabalhar. Pelo fato de estudar formas pronominais de tratamento que ocorrem em relações interlocutivas (a inserção de *você* no quadro de pronomes e as suas consequências para o sistema pronominal como um todo), dei ênfase à busca de cartas de caráter bem pessoal (cartas familiares, entre amigos, amorosas), justamente para observar quando a forma *você* perde o caráter de formalidade associado a *Vossa Mercê* e em que momento passa a funcionar como variante do *tu-íntimo*.

Em 2000, tive a satisfação de ser agraciada com o prêmio ALFAL (700 dólares!) de melhor comunicação apresentada no XII Congresso da ALFAL no Chile. Os textos apresentados deveriam ser resultados de teses recentes de jovens pesquisadores. Na ocasião, apresentei uma síntese sobre a



minha tese sobre o percurso histórico de *a gente* no sistema pronominal do português e recebi o prêmio.

Em 2005, submeti ao CNPq o projeto *Rearranjos no quadro pronominal do português: variação sincrônica e mudança diacrônica* e fui contemplada com uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa Nível 2 pela primeira vez (processo 305620/2005-3). Em linhas gerais, a proposta dava continuidade ao projeto anterior sobre *Novas Formas Pronominais Pessoais: percurso histórico*. Partindo dos resultados obtidos nos séculos XVIII e XIX, em que se verificou o início do processo de gramaticalização ou pronominalização de *você*, resolvi enveredar pelo início do século XX, quando se implementou efetivamente a inserção dessa nova forma no sistema pronominal. A proposta previa a comparação dos resultados de duas sincronias diferenciadas, procurando mostrar a dissociação entre sincronia e diacronia e evidenciando que "a variação sincrônica e a diacrônica se determinam mutuamente" (COMPANY, 2003: 18). A estabilidade e a mudança se complementam e convivem em cada estado da língua. Mantive uma linha meio eclética e procurei identificar as pressões sociais, estruturais e funcionais que atuaram na mudança de nosso sistema pronominal com base na integração da perspectiva variacionista quantitativa laboviana com outros modelos funcionais que discutem o fenômeno da gramaticalização (HOPPER, 1991, COMPANY, 2003, HEINE, 2003, entre outros).

Ainda em 2005, na vertente da pesquisa mais diretamente relacionada à constituição de *corpora* diacrônicos e, por assim dizer, vinculada ao projeto nacional PHPB, fui agraciada com recursos financeiros do Edital de Ciências Humanas 32/2004 do CNPq, inserido, *lato sensu*, no projeto integrado *Para a História do Português brasileiro - PHPB-RJ*, que se propunha a organizar um *corpus* diacrônico constituído de documentos escritos no Brasil e localizados nos acervos do Rio de Janeiro e Lisboa. O projeto intitulado *Laboratório de História do Português Brasileiro* (Labor-histórico PB - processo 401832-2004-0) foi a primeira iniciativa para criar um espaço físico propício aos estudos de história do português brasileiro. A ideia era organizar um acervo documental informatizado para estudos sociolinguísticos a ser disponibilizado à comunidade científica. O Laboratório, que foi iniciado com os recursos da Fundação José Bonifácio no edital ALV ' 99, estava se consolidando entre pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação da UFRJ que se interessavam pelo fenômeno da mudança linguística, mais especificamente, interessados na história da língua portuguesa no Brasil. Em síntese, as frentes de trabalho eram as seguintes: a) organizar um acervo eletrônico no Labor-histórico PB constituído por documentação diversificada: cartas particulares (documentos não-literários) escritas no Rio de Janeiro nos séculos XVIII, XIX e XX; peças teatrais

populares (documentos literários) para análises contrastivas; textos publicados em jornais dos séculos XIX-XX; b) conhecer o português do/no Brasil a partir da análise de fontes fidedignas que compõem o acervo do Projeto; c) disponibilizar, na rede mundial de computadores ou em CD, edições diplomático-interpretativas do todo o acervo documental organizado pelo projeto Labor-Histórico PB; d) preparar material didático para os cursos de graduação e pós-graduação a partir da análise descritiva de documentos do português do/no Brasil dos séculos XVIII e XIX; e) permitir aos alunos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras o acesso a uma documentação relativa aos séculos XVIII e XIX, proporcionando-lhes maior conhecimento da sócio-história do português brasileiro.

Este rumo da pesquisa vinculada à constituição de *corpora* foi sendo paulatinamente desenvolvido tendo em vista as dificuldades inerentes à leitura e transcrição de manuscritos do passado. Os primeiros recursos obtidos pelo CNPq auxiliaram a equipe na edição diplomático-interpretativa de três conjuntos de cartas localizadas no Arquivo Nacional durante a vigência do projeto (2005-2007): 40 cartas ativas e passivas da família Land Avelar produzidas entre 1907-17; 50 cartas do acervo Afonso Pena Junior (correspondências recebidas pelo filho do ex-presidente entre 1896-1909 e 23 cartas do acervo Cupertino do Amaral (cartas familiares produzidas entre 1873-1895). A documentação de cartas editadas dos séculos XVIII-XIX-XX em fac-símile serviu de base para outros estudos de sociolinguística histórica pelo fato de as cartas terem sido criteriosamente selecionadas, controlando o perfil sociolinguístico do remetente (identificação da sua origem, idade, nível sócio-cultural, papel social).

A perspectiva de análise linguística também trouxe alguns achados para nossas questões iniciais de pesquisa. Com base nesses materiais diacrônicos coletados, editados e analisados, avançamos na identificação dos contextos em que a forma inovadora *você* se implementou mais rapidamente (posição de sujeito e complemento preposicionado). Além disso, as pesquisas realizadas ajudaram a detectar os contextos de resistência das formas do antigo paradigma do pronome de segunda pessoa *tu* que se mantiveram mesmo nos atuais estágios da mudança do sistema pronominal (complemento não-preposicionado –*te*-). Os primeiros resultados confirmaram alguns princípios da gramaticalização propostos por Hopper (1991), como é o caso da persistência e da decategorização. Com base na análise das cartas produzidas em fins do século XIX e início do XX, observou-se que as mulheres deram início à implementação da substituição de *tu* por *você*.

Os resultados desses projetos de pesquisa que se iniciaram em 1999 foram publicados no Brasil e no exterior em diversos capítulos, livros e artigos científicos como mostrarei na próxima seção. A

equipe do projeto já contava com vários estudantes que começaram a defender suas dissertações de Mestrado a partir de 2004. A primeira dissertação, sob minha orientação, foi defendida naquele ano: *Para uma História do Português no Brasil: Formas de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. Nos anos seguintes (2005-2006), foram mais cinco dissertações defendidas: três delas de mestrandos vinculados ao Programa de Letras Vernáculas e as outras duas de mestrandos vinculados ao Programa de Neolatinas.

A fase seguinte da pesquisa corresponderia *lato sensu* ao período que vai de 2007 a 2011. A ideia básica era prosseguir com os estudos sobre os reflexos da gramaticalização de *Vossa Mercê > você* no quadro de pronomes do português, analisando a variação entre *você* e *tu* em documentação do século XX relativa ao Rio de Janeiro e em amostras de fala espontânea do século XXI. Com algumas variações nos títulos, os projetos encaminhados ao CNPq e à FAPERJ continuavam a visitar o passado e o presente, por isso chamei-os de *Retratos da mudança no sistema pronominal: usos tratamentais cariocas na diacronia e sincronia*, pensando que estaria captando fotografias instantâneas de momentos diferentes no tempo. Do CNPq obtive a renovação da bolsa de produtividade para o período de 2009-2011 (processo 301490/2008-2). Na FAPERJ, tive a grata satisfação de ter o projeto renovado por duas vezes seguidas no Programa *Jovem Cientista Do Nosso Estado*. A primeira delas corresponde ao período de 2007-2009 (processo E - 26 /100.523/2007- FAPERJ 03/2007) e a segunda para o período de 2009-2011 (processo E - 26 /102.218/2009). Os recursos da FAPERJ foram fundamentais para o avanço da pesquisa, uma vez que (i) propiciaram a complementação do acervo digital de cartas para estudos sociolinguísticos históricos; (ii) permitiram que os mestrandos e doutorandos pudessem participar de eventos nacionais e internacionais; (iii), possibilitaram a publicação em livro de excelentes dissertações e teses dos membros da equipe que investiam na análise linguística e na edição de documentos do passado.

Com relação ao tópico (iii) é preciso destacar os trabalhos dos ex-orientandos Leonardo Marcotulio (Mestrado) e Márcia Cristina Rumeu (Doutorado) que são desdobramentos da dupla vertente a que me referi no início: constituição de *corpora* históricos e análise linguística. Meus orientandos fazem parte sobremaneira do meu memorial porque pesquisa é uma atividade inerentemente coletiva e nada solitária!

O livro de Marcotulio intitulado *Língua e História: o 2º marquês do Lavradio as estratégias linguísticas da escrita no Brasil colonial* foi publicado em 2010 pela editora Ítaca com verba da FAPERJ. A importância dessa obra se refere principalmente ao fato de propor a discussão de um modelo teórico que melhor esclareça as relações entre a linguística e a história. Leonardo Marcotulio

recuperou um agente histórico, o marquês do Lavradio, contextualizou espaço-temporalmente uma cena política e discutiu os limites do poder de um vice-rei do Brasil na capitania do Rio de Janeiro nos idos de 1769-76 a partir de evidências linguístico-discursivas. Além de analisar as relações de poder subjacentes às formas de tratamento utilizadas nas cartas do marquês do Lavradio dirigidas a diferentes destinatários, Marcotulio trouxe à comunidade científica (e ao nosso projeto coletivo) uma edição em fac-símile de quarenta cartas produzidas na esfera pública.

O livro da tese de Doutorado de Márcia Rumeu foi publicado em 2013 também com verba da FAPERJ. A obra intitula-se *Língua e sociedade: a história do pronome “você” no português brasileiro*. O trabalho é tão primoroso que recebeu prêmio de melhor tese na ALFAL. O livro oferece à comunidade acadêmica um estudo histórico exemplar acerca da dinâmica variável das formas *tu* e *você* e do gradual processo de inserção do *você* no quadro pronominal do português brasileiro. A originalidade da tese publicada permitiu aplicar às cartas do passado uma análise no modelo laboviano do estudo de painel, uma vez que há cartas de diferentes momentos da vida dos remetentes. A publicação disponibiliza inclusive a edição em fac-símile de 170 cartas produzidas e trocadas entre brasileiros cultos pertencentes a uma mesma família. A identificação minuciosa dos destinatários das cartas escritas entre familiares propicia aos historiadores e linguistas um rico material de análise para outras possibilidades de estudo.

Atividades de pesquisa no âmbito sincrônico também foram produtivas nessa fase. Realizamos, em 2008, o *I Encontro Internacional do Projeto Processos Urbanos*, aproveitando a presença do Professor-visitante Uli Reich que atuava na Universidade de Colônia e depois em Berlim. O evento contou com a participação de pesquisadores brasileiros e alemães e teve apoio da CAPES (PAEP) e da FAPERJ (APQ). Os textos selecionados foram publicados em: LOPES, CELIA REGINA DOS S.; REICH, Uli (org.). *Neue Romania - 39 : Variação Lingüística em Megalópoles Latino-Americanas*. Veröffentlichungsreihe des Studienbereiches/Instituts für Romanische Philologie der FU Berlin, 2009.

Utilizando os recursos da FAPERJ e do CNPq pelo Edital MCT/CNPq 02/2009 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (processo 400931/2009-5), aprovado em 2009, pudemos, por sugestão da Professora Silvia Cavalcante, atualizar e ampliar o nosso *corpus* diacrônico *on-line* numa edição em XML do que chamamos de *Corpus Compartilhado Diacrônico (CCD): Cartas do Rio de Janeiro*. Foi uma guinada bem interessante para o enfoque de organização de *corpora* digitais, porque valoriza a concepção tradicional de edição filológica bem conservadora ao mesmo tempo em que permite maior abertura para as mídias digitais e para os estudos de linguística de *corpus*. A partir das cartas disponíveis no site produzidas entre 1873-1937, passamos a utilizar a ferramenta *E-Dictor* (Paixão de

Sousa, Kepler e Faria, 2010). Essa tecnologia de edição digital é a mesma utilizada no *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* coordenado por Charlotte Galves (Unicamp) e permite que se armazenem várias informações em um mesmo arquivo XML de modo que a versão original e a versão editada do documento sejam preservadas. Nosso acervo de cartas foi organizado pelo nome das famílias/datas da produção das cartas e o novo formato permite a realização de buscas automáticas. Em 2011, fizemos um esforço concentrado para editar um corpus-piloto nesse novo formato. A equipe aprendeu a usar a ferramenta e editou as transcrições das cartas antes preparadas em *Word*. Foi organizada a nova edição, mantendo uma versão tal qual o original (diplomática) e uma outra versão modernizada com: 1) a expansão das formas abreviadas (*Fevro > Fevereiro*), 2) a modernização das formas grafadas de maneira distinta da ortografia atual (*incommodo > incômodo*), 3) a junção e depois modernização de palavras hifenizadas no original (*con-| valescença > convalescença*), 4) a segmentação de duas ou mais formas agregadas (*abenção > a benção*).

No período de 2009-2012, seis Mestrandas e quatro Doutorandos da equipe defenderam as dissertações/teses dentro da temática do projeto e utilizando os materiais editados que foram incorporados paulatinamente ao *corpus*.

As diversas análises parciais feitas com distintos materiais, ao longo do tempo da pesquisa, demonstraram que, em fins do século XIX e no início do XX, o emprego de *tu* era mais frequente que *você* principalmente nas relações simétricas e de maior intimidade, embora os espaços que se firmarão mais tarde para *você* já aparecessem delineados naquele período: maior neutralidade, caráter “menos invasivo”, contexto indeterminado.

Os resultados das amostras analisadas nos diversos estudos feitos por membros da equipe indicaram que o pronome *tu* ocorria preferencialmente nulo, ao passo que *você* apresentava índices mais altos como sujeito pleno em fins do XIX e início do XX (cf. LOPES E CAVALCANTE, 2011; MACHADO, 2011). Tal comportamento começou a se alterar a partir da década de 30 quando os dados de *tu* pleno começam a se fazer presentes em uma carta ou outra produzida no Rio de Janeiro. Os poucos dados de *tu* sem concordância também apareceram nesse período mesmo com índices muito baixos e nas cartas de pessoas com cultura mediana (LOPES et al, 2011).

Outro aspecto a destacar refere-se às motivações sócio-pragmáticas para o preenchimento do sujeito com *você* numa língua ainda de sujeito nulo. *Você* era utilizado para destinatários e contextos específicos, podendo marcar contraste ou *individualização*, sendo empregado para atenuar pedidos e ordens e ocorrendo em estruturas fixas típicas do gênero carta, principalmente, em fins do século XIX. Em termos estruturais, o “você-pleno” ocorria preferencialmente nos contextos em que o sujeito

da oração subordinada era diferente em relação à oração matriz, ou seja, o preenchimento do sujeito, conforme Duarte (2003), facilita a acessibilidade referencial. Nas cartas femininas, foi possível perceber que timidamente o pronome *você* foi ocupando os espaços funcionais de *tu* (cf. LOPES, 2009) na documentação relativa ao Rio de Janeiro.

Considero uma nova fase no encaminhamento da pesquisa que venho desenvolvendo a realização do segundo projeto de pós-doutorado *Tradições Discursivas e Mudanças no Sistema Pronominal de Tratamento no Português Brasileiro: Aplicação de Metodologia para Corpora Diacrônicos*. Com a gama de materiais diacrônicos disponíveis e analisados até aqui, senti a necessidade de observar até que ponto aspectos relativos ao gênero, no caso, cartas pessoais, podiam interferir na análise da mudança. Assim, em 2010, tive a oportunidade de realizar um pós-doutorado na Alemanha (Tübingen Universität) com bolsa de Estágio-Sênior da CAPES sob a supervisão do Professor Catedrático Johannes Kabatek (CAPES/2010, processo BEX 3606/09-0). A funcionalidade da metodologia discutida com os pares alemães e a utilização de uma ferramenta computacional auxiliar para a análise da relevância das tradições discursivas foi bastante importante nos avanços do estudo da mudança linguística. No estágio, adaptei ao fenômeno do tratamento o Programa computacional TraDisc, desenvolvido na Universidade de Tübingen/Alemanha, para a análise das Tradições Discursivas. Considero que a experiência foi bastante interessante no que se refere à distinção entre formas tratamentais empregadas nos documentos e motivadas pelas tradições do texto e as que poderiam ser consideradas como indícios da norma linguística da época em questão. A partir da configuração visual dos dados anotados previamente no programa TraDisc (MALISI, 2006), foi possível traçar o perfil de cada texto. Com o diagrama criado pelo programa formaliza-se uma imagem-padrão do fenômeno estudado ao longo do documento. Os resultados obtidos como resultado do TraDisc foram elucidativos, pois permitiram visualizar a distribuição dos dados em cada documento. O perfil de cada texto é diagramado a partir da configuração visual dos dados que foram anotados previamente no programa TraDisc (MALISI, 2006). O diagrama (pronomograma) permite formalizar uma imagem-padrão do fenômeno estudado ao longo do documento. Trata-se de uma ferramenta interessante que pode ser utilizada inclusive para estipular modelos de determinadas tradições discursivas. Se forem feitas análises de textos prototípicos de uma determinada tradição discursiva, traçando nesses diagramas alguns perfis básicos, pode-se perfeitamente, a partir de análises comparativas de outros textos, estabelecer confrontos que permitirão observar quanto o documento em análise se afasta ou se aproxima do perfil modelar estipulado. A aplicação do modelo possibilitou o mapeamento da expansão dos contextos

comunicativos em que a forma tratamental inovadora *você* era evocada, traçando, nas cartas em análise, os diferentes perfis tratamentais da época estudada: (I) uso exclusivo do *tu-íntimo* em cartas de maior proximidade comunicativa; (II) emprego do *você-exclusivo* em cartas de mesma natureza; (III) predomínio de *tu-íntimo* com o emprego de formas do paradigma de *você*, como imperativo-subjuntivo, em uma seção específica da carta (imposição de uma TD); e (IV) variação inicial entre *tu* e *você* nos mesmos contextos funcionais com uma distribuição morfossintática diferenciada *tu* [+morfologizado], predominando como afixo verbal ou clítico acusativo/dativo e *você* [-morfologizado], prevalecendo como pronome forte (nominativo ou complemento preposicionado).

Os resultados desse estágio sênior no exterior propiciaram a publicação de um artigo em periódico internacional avaliado como *Qualis A* pela CAPES (*Revista Linguística da ALFAL*), um capítulo de livro organizado pela equipe do PHPB da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e dois minicursos: um ministrado na UFRN e outro na *Universidad de Alcalá de Henares/Espanha*, durante a realização do Congresso da ALFAL (cf. produção científica).

Do Rio de Janeiro para o restante do Brasil: os projetos desenvolvidos no período de 2012-2016 buscaram dar conta de (i) contemplar o *corpus* de cartas com o levantamento de materiais da segunda metade do século XX, tendo por hipótese que a forma *você* se espalhou no sistema pronominal a partir de então (ii) consolidar contrastivamente os resultados de outras localidades brasileiras para que se pudesse ter uma visão panorâmica do fenômeno nas áreas contempladas pelo Projeto Nacional PHPB.

A partir de 2013, passei a pesquisador 1D do CNPq. Os dois projetos de produtividade em pesquisa do CNPq no período de 2012-2016 foram: (1) *A configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro (PB): análise linguística em cartas dos séculos XIX e XX* (processo 306008/2011-4) e (2) *O sistema de tratamento de 2ª pessoa no português brasileiro (PB): retenção e difusão de formas conservadoras e inovadoras* (processo 307140/2014-8).

A proposta de mapear diatópico-diacronicamente a implementação de *você* no Brasil pareceu-me de suma importância, uma vez que sistema de tratamento variante de 2ª pessoa no PB pode ser considerado o único fenômeno morfossintático que apresenta divergência regional. Outros aspectos amplamente estudados por pesquisadores brasileiros, como preenchimento do sujeito, apagamento do clítico de 3ª pessoa, estratégias de relativização, concordância nominal e verbal, etc não apresentam fortes diferenças regionais e são gerais ao português brasileiro.

Resolvemos assim enveredar por uma empreitada ambiciosa de iniciar o primeiro panorama histórico da distribuição entre *você* e *tu* nas regiões sudeste, nordeste e sul. Na verdade, a ideia surgiu

como um contraponto do que Marta Scherre havia feito em termos sincrônicos. No trabalho publicado no livro *Mapeamento Sociolinguístico* organizado por Jussara Abraçado e Marco Antonio Martins, Marta e colaboradores fazem um levantamento dos estudos sobre a segunda pessoa e apresentam uma distribuição dos resultados pelas regiões/localidades estudadas. Com base nos mapas propostos por Scherre e equipe, pensei em fazer o mesmo para o passado com os resultados disponíveis até agora. Para tanto, realizamos, em 2015, no Rio de Janeiro o *I Simpósio do LaborHistórico: História dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro*, com apoio da CAPES pelo Edital PAEP/AUXPE. Participaram cinco pesquisadores brasileiros das áreas regionais contempladas, até agora, no projeto da descrição histórica dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro: Valéria Severina Gomes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PE), Zenaide de Oliveira Novais Carneiro da Universidade Estadual de Feira de Santana (BA), Marco Antonio Martins então da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN), Márcia Cristina de Brito Rumeu da Universidade Federal de Minas Gerais (MG) e Izete Lehmkuhl Coelho da Universidade Federal de Santa Catarina (SC). A ideia era publicar os resultados sobre a história dos pronomes pessoais de 2ª pessoa no português brasileiro por uma editora comercial e/ou universitária. Para não se sobrepor ao livro da Coleção História do Português Brasileiro, resolvemos publicar dois capítulos com nossos resultados, uma vez que vários dos pesquisadores envolvidos com a questão do tratamento também faziam parte do projeto PHPB. O livro da Coleção do PHPB foi publicado pela Editora Contexto em 2018. Nele, temos dois grandes capítulos com os resultados desse esforço coletivo associado ao Projeto PHPB. O livro intitula-se *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista* e os dois primeiros capítulos são dedicados ao tema: (1) **LOPES, C.R.S. et al.** A Reorganização No Sistema Pronominal De 2a. Pessoa Na História Do Português Brasileiro: Posição De Sujeito. (2) **LOPES, C.R.S.; et al.** A Reorganização No Sistema Pronominal De 2a. Pessoa Na História Do Português Brasileiro: Outras Relações Gramaticais<sup>2</sup>.

Os financiamentos para tais atividades foram complementados com verbas aprovadas em dois editais do CNPq. O primeiro deles é oriundo do edital de Ciências Humanas (Chamada 43/2013) com o projeto “Análise diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro (PB)” (processo: 409223/2013-1). O segundo, da Chamada UNIVERSAL (MCTI/CNPq Nº 14/2014) com o projeto “A configuração do sistema de tratamento de 2ª pessoa no português brasileiro (PB):

---

<sup>2</sup> In: Célia Regina dos Santos Lopes. (Org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, v. 4, 2018, p. 106-189.



retenção e difusão de formas conservadoras e inovadoras” (processo 449989/2014-3). Tivemos apoio financeiro também do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ.

Quanto à constituição de *corpora*, nesta fase do projeto, priorizamos a edição de cartas da segunda metade do século XX, uma vez que é a partir dos anos de 1950 que a difusão de *você* no lugar de *tu* teve aumento de uso. Como não é simples localizar cartas íntimas nos acervos públicos, investimos em outras frentes. Assim, conseguimos cartas em uma feira de antiguidades realizada na Praça XV, no RJ. Localizamos dois conjuntos de cartas de famílias distintas: Frazão Braga e Odécio/Yedda. O primeiro é constituído por 129 cartas escritas em diferentes localidades (RJ, MG, SP, SC, AM, PA, Paris, etc) e foram trocadas por familiares: pai, mãe, filhos, sobrinhos, primos, cunhados, irmãos, etc entre 1950-99. O segundo é constituído por 162 cartas trocadas entre um casal de noivos e foram escritas entre 1936-86. Com a edição em XML e em fac-símile já contamos com 326 cartas do Rio de Janeiro (séculos XIX e XX), totalizando um corpus de 93.739 palavras. Triplicamos a amostra inicial que era de 124 cartas.

Quanto às análises linguísticas, foi possível observar até agora que o português brasileiro sofreu uma mudança no seu quadro de pronomes pessoais de segunda pessoa a partir do maior emprego de *você*. Os resultados obtidos no projeto mostraram que houve uma perda gradual do pronome *Tu* diante da nova forma *Você*, observada a partir da escrita de mais de 1400 cartas produzidas por brasileiros entre fins do século XIX e ao longo do século XX. Esta perda foi detectada mais fortemente na primeira metade do século XX. A predominância das formas variantes (*tu* e *você*) é distinta em termos regionais no Brasil nos últimos 100 anos aproximadamente de História. Há localidades em que se usa predominantemente *você*, outras, porém, em que se emprega *tu*, como no extremo sul do país e há regiões em que *você* e *tu* são igualmente utilizadas pelos falantes, como é o caso do Rio de Janeiro. Os estudos feitos até aqui, com base em cartas produzidas no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX e em materiais de outras localidades brasileiras, demonstraram o predomínio do complemento *te* (“eu *te* amo” e “eu *te* pedi algo”) em cartas escritas por pessoas que empregavam *tu* na posição de sujeito e até mesmo *você* nessa posição. As formas variantes relacionadas ao paradigma de *você* (*o*, *a*, *lhe* e *a você*) não eram majoritárias no início do século XX. Isso ocorreu e aparentemente continua ocorrendo tanto entre pessoas que empregavam *Tu* como sujeito quanto aqueles que utilizam *Você* nessa posição.

O mapeamento histórico feito a partir do estudo de Souza (2012) conseguiu identificar três etapas nesse processo de mudança, principalmente, no Rio de Janeiro:

I- 1870-1900: *tu* era mais frequente que *você*;

II- 1900-1930: *tu* e *você* em variação numa mesma carta;

III- 1930-1980: predomínio de *você* sobre *tu*.

Os valores das duas formas (*tu* e *você*) e as próprias relações sociais se modificaram. Na fase I, *tu* e *você* não eram necessariamente formas variantes, uma vez que o primeiro era empregado nas relações mais íntimas e o segundo ainda resguardava alguns traços de cortesia de *Vossa Mercê*. Na etapa II, a forma *você* começou a ser empregada nos mesmos contextos de *tu*, ocorrendo em contextos mais informais. Na fase III, o uso de *você* suplantou o pronome mais antigo.

Se pensarmos nos resultados do projeto para o ensino do português, podemos dizer que a escola, ou melhor, os materiais didáticos produzidos para o ensino não podem continuar apresentando um quadro de pronomes que não inclua *você* ao lado de *tu*, como se costuma fazer. Quanto à chamada uniformidade de tratamento, os resultados mostraram que, a partir do maior emprego de *Você*, se formou um novo quadro de pronomes misto em que coexistem formas associadas a *Tu* (como *te/ti/teu*) e formas associadas a *Você* (como *lhe/o/seu*). O que isso quer dizer? Houve uma interrupção de formas simétricas do tipo *tu-te-ti-contigo*. O clítico ou pronome oblíquo átono *te*, por exemplo, é bastante usual em grande parte do Brasil mesmo quando se usa *você* na posição de sujeito em frases como: *Você sabe que eu te amo; Você disse que eu te dei o livro*. Em termos dos resultados históricos, as formas de tratamento *tu* e *você* foram registradas em todas as amostras regionais nas cartas estudadas, ainda que, nem sempre, nos dois séculos analisados. Verificamos, ainda, nas amostras de RJ, MG, SP, BA, PE e RN uma perda gradativa do pronome *tu* em proveito da nova forma gramaticalizada *você*. Tal perda foi observada majoritariamente na primeira metade do século XX. A produtividade distinta em termos regionais já era detectada desde o século XIX.

Para concluir esse tópico, considero importante destacar outras metas assumidas principalmente a partir de 2014: (i) a divulgação internacional em inglês dos resultados obtidos ao longo da carreira; (ii) a adoção de uma vertente experimental na pesquisa sobre o tratamento; (iii) a publicação de materiais didáticos para o ensino da disciplina História da Língua Portuguesa.

A primeira meta refere-se a convites de editoras estrangeiras para divulgar fora do Brasil o conhecimento disponível sobre o português brasileiro. A pesquisa brasileira é bastante forte, mas não temos tantos leitores de nossos estudos por conta de publicarmos mais efetivamente em português. Apesar das dificuldades inerentes à escrita em outra língua e o parco domínio do inglês, considere bastante saudável e necessário que os resultados de nossas pesquisas sobre o português brasileiro extrapassem nossos muros territoriais. A pesquisa sobre o PB avançou muito, mas ainda

fica bastante confinada aos leitores do português e alguns do espanhol. A divulgação em inglês abre novos horizontes para análises tipológicas futuras entre as línguas. Assim, os resultados que venho desenvolvendo em anos de pesquisa foram publicados, em 2016, no livro *The Handbook of Portuguese Linguistics*, de uma importante editora John Wiley & Sons. Nessa obra de grande importância para divulgação do português brasileiro no exterior, escrevi dois capítulos em coautoria: *Chapter 1- History and Current Setting* e *Chapter 26 - Main Morphosyntactic Changes and Grammaticalization Processes*. Outros convites surgiram desde então, mas os textos ainda não foram publicados, porque estão em fase de revisão. Estão no prelo mais dois capítulos a serem publicados no exterior em 2019<sup>3</sup>.

Outras formas de difusão da pesquisa desenvolvida a serem mencionadas dizem respeito aos convites recebidos para (a) ser conferencista na ALFAL, (b) dar aula na Universidade Nova de Lisboa e (c) ministrar três cursos na Universidade de Tübingen na Alemanha: (a) A conferência plenária intitulada *História dos Sistemas de Tratamento no Brasil: (Des)Semelhanças com o Mundo Hispânico* foi feita durante do XVIII Congreso Internacional de la ALFAL - Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, de 24 a 28 de julho de 2017, em Bogotá/Colômbia. (b) A aula na UNL foi ministrada durante o período de realização do estágio sênior realizado em Portugal. A Professora Doutora Maria Teresa Brocardo fez o convite para uma fala em sua turma de Mestrado. A palestra intitula-se *O mapa histórico dos sistemas de tratamento no português do Brasil: norma, variação e mudança*. (c) O convite para dar os três cursos na Universidade de Tübingen foi feito pela Professora Doutora Wiltrud Mihatsch em 2016. Aproveitei o período de afastamento do Pós-doutorado em 2017-2018 para atender à solicitação. Assim, em 2018, ministrei as seguintes disciplinas durante 3 meses para estudantes brasileiros e alemães naquela universidade: (i) *European Portuguese and Brazilian Portuguese: History and Current Setting*, (ii) *Grammaticalization and Construction Grammar: New Perspectives* e (iii) *Historical Sociolinguistics and Language Change*. Atuar em uma universidade alemã foi uma experiência única e desafiadora!

A segunda vertente da pesquisa envereda por um novo campo metodológico de cunho experimental. A ideia surgiu a partir de interesses dos orientandos, em particular, do doutorando

---

<sup>3</sup> (1) LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. On address pronouns in the history of Brazilian Portuguese.

(2) LOPES, Célia Regina dos Santos; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; OLIVEIRA, Thiago Laurentino. Forms of address from the Ibero-Romance perspective: a brief history of Brazilian voçamento. In: HUMMEL, Martin ; LOPES, Célia (ed.). Forms of address in Portuguese and Spanish. Studies in diachrony and diachronic reconstruction. Amsterdam, John Benjamins (a sair).

Thiago Lauretino de Oliveira, hoje docente da UFRJ. Os alunos sempre iluminando meu caminho! O intuito norteador era discutir os problemas da *avaliação/percepção* dos usos treatmentais sincrônicos a partir da aplicação de uma metodologia experimental<sup>4</sup> como uma técnica alternativa para a análise da percepção dos falantes. Os testes experimentais, nesses novos moldes, nos pareciam ser vantajosos para compreender como a comunidade de fala julga o uso de *tu* e *você*, além de facilitar a identificação mais precisa dos valores sociopragmáticos que podem estar atrelados a essas variantes em cada comunidade analisada. Nesse caso, o informante se posiciona como um observador, diferentemente do que ocorre com métodos baseados em questionários, em que as respostas do informante nem sempre correspondem ao que ele produz efetivamente, mas ao que ele acha que produz, tendo em vista preceitos sociais historicamente estabelecidos na comunidade. Partindo das discussões travadas com o orientando Thiago Lauretino, que começou a se especializar interagindo com pesquisadores da área, como foi o caso do Professor Eduardo Kenedy da UFF, Marcos Maia da UFRJ, entre outros, submeti um novo projeto de pós-doutorado a ser realizado em Lisboa sob a supervisão de Maria Antónia Mota da Universidade de Lisboa (Bolsa da CAPES de estágio sênior no exterior (processo 88881.120693/2016)). O objetivo era investigar, na linha experimental, a reação dos participantes portugueses e brasileiros (Lisboa e do Rio de Janeiro) diante da presença das mesmas formas em referência à segunda pessoa (*tu, você, forma verbal na 3SG, prenome*, entre outras) na posição de sujeito. A proposta geral do projeto levaria em conta, desse modo, os seguintes princípios fundamentais dos processos de mudança linguística: o problema da *difusão*, do *encaixamento social* e da *avaliação* da mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968)<sup>5</sup>. Em termos teóricos, continuei adotando uma linha eclética e pouco ortodoxa, uma vez que procurei estabelecer uma interface entre a perspectiva Sociolinguística laboviana (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 [2006]), a Sociopragmática (BRIZ, 2004) e a Metodologia Experimental Psicolinguística (KENEDY, 2015). Os resultados do experimento em Lisboa evidenciaram, diferentemente do que fora observado no Rio de Janeiro, um alto grau de aceitabilidade de *tu* nos diferentes tipos de interação controlados. O mesmo não se verificou para a variante *você*, que incitou nos participantes um comportamento mais vacilante durante o julgamento, principalmente, quando a forma aparecia como sujeito focalizado. Os resultados mostraram, ainda, que a forma verbal de 3SG, como sujeito nulo, não seria uma

---

<sup>4</sup> Os primeiros testes foram aplicados no Brasil e agora em Portugal durante o estágio sênior realizado durante 1 ano (ago-2017 a jul-2018) na Universidade de Lisboa sob a supervisão da Professora Doutora Maria Antónia Mota. Bolsa CAPES, processo 88881.120693/2016-01.

correlata da variante *você*, pois apresentou aceitação positiva nas relações assimétricas, o que não ocorreu necessariamente com o *você* explícito. Tal perspectiva de análise da percepção/julgamentos dos usos linguísticos na linha experimental mostrou-se bastante frutífera, reiterando que uma perspectiva de análise mais integrativa entre diferentes correntes teóricas pode auxiliar a sociolinguística no que concerne à questão da atuação do *problema de avaliação* nos processos de mudança linguística.

A terceira iniciativa ou meta teve o incentivo de outro edital da FAPERJ: “Apoio à produção de material didático para atividades de ensino e/ou pesquisa” E\_28/2014. Com anos de dedicação ao ensino da disciplina História da Língua portuguesa, um grupo de docentes no qual me incluo, obviamente, resolveu submeter ao edital da FAPERJ o projeto *Laboratório de História do Português através de Textos Remanescentes: Cadernos Didáticos, Tomo I: O Português no Período Medieval*. Com sua aprovação (processo E-26/010002767/2014), conseguimos publicar um livro didático sobre História da Língua Portuguesa em duas versões. A primeira delas foi resultado desse edital da FAPERJ e a segunda, por conta do alcance da primeira edição, foi publicada pela Editora Parábola. A obra intitulada *Olhares sobre o Português Medieval: filologia, história e língua* foi lançada em 2017 pela editora Vermelho Marinho. Sua nova versão comercial foi publicada em 2018 pela editora Parábola com algumas alterações no título: *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. A obra foi concebida como um livro-laboratório com noções de paleografia, filologia e história externa e interna do português. A pretensão não era a de substituir os manuais consagrados utilizados nos cursos de História da Língua Portuguesa, mas trazer um material de apoio em que o estudante tivesse um papel mais atuante no seu processo de ensino e aprendizagem da disciplina. Para tanto, não são apresentadas listas de características linguísticas e de aspectos históricos isolados e desconectados do contexto de produção dos textos, mas sim procura-se habilitar o estudante na leitura dos textos remanescentes, permitindo que ele próprio construa a história do português a partir dos textos escritos em sincronias passadas. A organização do livro seguiu a ideia de assumir vários *olhares* sobre o português medieval. A ideia básica era vincular a história da língua portuguesa ao estudo dos textos de diferentes gêneros que permitissem ao estudante reconhecer aspectos linguístico-discursivos nas práticas sociais mediadas pela escrita. A elaboração de uma obra didática com diferentes *olhares* mira para os textos remanescentes do português vistos como unidades discursivas complexas e vivas.

Por essa razão, para a elaboração de um livro que pudesse cruzar diferentes olhares, reunimos um grupo de especialistas em Filologia, Professor Doutor Leonardo Marcotulio, da UFRJ;

em História Medieval, Professor Doutor Mário Jorge da Motta Bastos, da UFF e em morfossintaxe do Thiago Laurentino de Oliveira da UFRJ e eu. Além de a proposta ser relevante em termos da sua interdisciplinaridade, existem outras motivações relacionadas à formação do profissional de Letras e ao de História, que atuarão no mercado de trabalho como professores-pesquisadores. A publicação do livro pela Parábola deu uma visibilidade maior ao livro e tal feito só foi possível com o apoio do Professor Carlos Faraco que leu a primeira edição e indicou a obra para a editora. Seremos sempre gratos ao querido Faraco!

Esses foram, em síntese, os caminhos que segui na pesquisa. Um trajeto percorrido sempre rodeado de alunos, pesquisadores, professores, porque ninguém faz nada sozinho, ninguém aprende nada sozinho. Foi um caminho com muito acolhimento mútuo dos meus pares e dos ímpares também. Todos *vocês* sempre estiveram presentes na minha trajetória científica com bastante carinho e emoção.

## **6. Produção científica**

A produção científica que venho publicando nos últimos anos vincula-se diretamente à temática da pesquisa desenvolvida desde o Mestrado e Doutorado, em um primeiro momento, e relaciona-se mais tarde às pesquisas que foram sendo desenvolvidas por orientandos e parceiros de pesquisa com quem fui trabalhando ao longo da vida acadêmica. As publicações estiveram muito centradas nos processos de variação e mudança no quadro pronominal do português, primeiramente, voltadas para as formas variantes de primeira pessoa, acompanhando a inserção de *a gente* no quadro de pronomes e depois observando a segunda pessoa com a emergência de *ocê* ao lado de *tu* e os desdobramentos ocorridos no sistema pronominal. Parece um tanto natural que o meu percurso tenha se dado pela Sociolinguística sincrônica laboviana, incorporando outros quadros teóricos funcionais e formais à luz da gramaticalização e mais recentemente aprofundando as questões pertinentes aos desdobramentos e peculiaridades da Sociolinguística Histórica. As publicações seguem cronologicamente, com idas e vindas, tal percurso.

Mais do que uma verdadeira linguista, sempre me considerei uma professora-pesquisadora interessada nos fenômenos da língua portuguesa, por isso a minha produção segue uma linha um tanto eclética associando diferentes correntes teóricas que, a meu ver, se complementam a

depende do objeto de estudo em questão. Assim tecerei alguns comentários sobre algumas publicações e eventos dos quais participei para dar uma visão geral da linha investigativa que adotei ao longo da minha formação e carreira.

Destacarei, em primeiro lugar, alguns **livros dos 14** que publiquei como única autora ou como organizadora de obra coletiva. Dentre os livros, destaco a obra, já mencionada, *A inserção de a gente no quadro pronominal do português* que deu grande visibilidade a um dos temas da minha pesquisa – a história do *a gente*. Tive sorte. O livro foi publicado no exterior, em 2003, (pouco tempo depois da conclusão do Doutorado) e praticamente no início da carreira como docente.

Seguindo a linha do grupo de pesquisa PROHPOR – Programa para a História da Língua Portuguesa, na UFBA –, que publicou uma série de livros com análises de fenômenos linguísticos a partir de um mesmo *corpus* (carta de Caminha, documentos arcaicos, etc), organizei um livro bastante promissor para os estudos de sociolinguística histórica intitulado *A Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. A obra ficou carinhosamente conhecida como o Livro dos Avós, porque reunia 41 cartas de dois avós ilustres do século XIX no Rio de Janeiro (Cristiano Ottoni e sua esposa Bárbara Ottoni) que escreviam cartinhas a seus netos. Além de disponibilizar as cartas transcritas ao lado dos manuscritos em fac-símile, o livro traz artigos de pesquisadores da UFRJ e de fora dela que analisaram temas morfossintáticos diferentes com base no mesmo conjunto de cartas. O interessante das famosas cartas dos avós Ottoni é o fato de termos dois remetentes idosos (um homem e uma mulher) escrevendo para os mesmos destinatários. Trata-se de um *corpus* extremamente importante para a discussão da interferência de questões relativas ao gênero, escolarização feminina e ao papel da mulher em finais do século XIX no Brasil.

Outro livro publicado no exterior pela Vervuert/Bibliotheca Ibero-Americana, em 2006, intitulado *Sincronia y diacronía: de tradiciones discursivas en Latinoamérica*, organizado em co-autoria com professoras argentinas e alemãs (Guiomar Ciapuscio/Konstanze Jungbluth/Dorothee Kaiser), reuniu os resultados de um colóquio internacional e interdisciplinar de Linguística, História e Literatura realizado em Freudenstadt no ano de 2004. A obra reflete o intercâmbio de perspectivas teóricas, propostas metodológicas e estudos empíricos em torno da discussão das tradições discursivas. Essa perspectiva teórica (Tradições Discursivas) foi bastante importante nas pesquisas que desenvolvi na perspectiva da Sociolinguística Histórica.

O livro *As Formas de Tratamento em Português e em Espanhol: variação, mudança e funções / Las Formas de Tratamiento en Español y en Portugués: variación, cambio y funciones conversacionales* configura a consolidação de um diálogo acadêmico travado entre os vários autores

e tradutores ao longo de uma trajetória de discussão sobre o tema desde 2004. Foram diversos cursos em parceria, seminários, congressos e encontros entre os pesquisadores, o que permitiu chegar a um número tão significativo e variado de trabalhos”. A obra foi publicada em parceria com a Professora Letícia Rebollo Couto: a grande protagonista em todas as etapas de sua elaboração, desde o pedido de financiamento concedido pela FAPERJ até a revisão e edição final. A publicação recebeu apoio do edital da FAPERJ, APQ3-2009. A obra reuniu 22 artigos de pesquisadores no campo dos estudos da sociolinguística e da pragmática conversacional em português e em espanhol. Em sua organização temática, contempla o intercâmbio e a produção de conhecimento acadêmico entre pares de diferentes instituições brasileiras (UFSC, UFMG, UNICAMP, USP, UFF, UFRJ) e de 09 países (Alemanha, Argentina, Cuba, França, Itália, México, Noruega, Guatemala e Uruguai). O livro foi organizado em 3 partes: formas nominais, variação e mudança, tradução e ensino. Trata-se de uma edição bilingue pioneira e bastante inovadora, uma contribuição original e necessária para a formação de professores de português língua estrangeira e de espanhol língua estrangeira no Brasil.

Outros dois livros que gostaria de destacar já foram mencionados na seção referente à pesquisa. O primeiro deles *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista* foi publicado recentemente, em 2018, pela Contexto, mas é resultado de um longo período de pesquisa que se iniciou desde os primeiros encontros do Projeto Para a História do Português Brasileiro – PHPB em 1997. O livro, intitulado *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*, é o quarto volume de uma vasta coleção intitulada Coleção História do Português Brasileiro, editada pelo Professor Ataliba de Castilho.. Embora conste apenas meu nome como coordenadora do volume, não posso deixar de dizer que o livro teve o acompanhamento permanente e constante do Professor Ataliba (sempre um grande incentivador e amigo ao longo da minha vida). O volume reúne cinco capítulos sobre aspectos relevantes de mudança linguística em quatro classes de vocábulos: pronomes, verbos, advérbios e preposições. Como qualquer trabalho de história da língua que se conhece a partir das fontes descritas, considero que a obra é um bom ponto de partida para novos estudos históricos sobre a diacronia do português brasileiro. Mais do que uma obra conclusiva, o livro traz hipóteses de trabalho para que novas pesquisas com materiais a serem encontrados nos acervos públicos e privados possam iluminar nosso passado linguístico.

Outro destaque foi o livro didático, também já mencionado, *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval* escrito a oito mãos (seis de linguistas e duas de um historiador) e publicado primeiramente com financiamento da FAPERJ e depois pela Parábola, a partir de uma indicação do Professor Carlos Faraco.



Por conta de ter vivido e participado das mudanças no processo de avaliação da CAPES, preciso dar destaque aos artigos científicos publicados em periódicos que se tornaram importantes para a divulgação rápida do conhecimento na rede. Foram **27 artigos** publicados em revistas qualificadas. No geral, darei destaque a alguns deles que, em sua maioria, foram feitos com parceiros de pesquisa sejam docentes de várias universidades brasileiras ou meus (ex)alunos de pós-graduação. Opto por citar um ou dois referentes às áreas de pesquisa em que tenho atuado.

Início por mencionar alguns artigos sobre a forma pronominal *a gente*. Seleciono dois deles feitos com grandes parceiros. O artigo *Agreement patterns with a gente in Portuguese* foi publicado no *Journal of Portuguese Linguistics*, em 2013. Os autores foram dois ex-orientandos que hoje atuam como docentes em universidades públicas federais: Leonardo Marcotulio da UFRJ e Juliana Segadas Vianna na UFRRJ. No artigo discutimos os diferentes padrões de concordância com *a gente* no português europeu e português brasileiro. Analisamos os padrões de concordância verbal (*a gente vai vs. a gente vamos*) e os padrões de concordância em estruturas predicativas (*a gente está cansado vs. a gente está cansada*). No artigo conseguimos demonstrar que o comportamento de *a gente* é bastante semelhante em termos gramaticais em ambas as variedades de Português, com pequenas dessemelhanças apenas em nível quantitativos. No que se refere à concordância, não há restrição quanto à atuação dos traços formais e semânticos da forma *a gente*.

Outro artigo publicado com Juliana Segadas Vianna, feito durante seu pós-doutorado, foi publicado na Revista Linguística da ALFAL em 2013. O estudo intitulado *Implementação de a gente nas funções de acusativo, dativo e oblíquo: reflexões, propostas e primeiros resultados* foi um desdobramento bem interessante que Juliana Vianna se propôs a fazer ao observar a forma *a gente* em outras funções que não a de sujeito (vastamente estudada). Seguindo a mesma linha do que estamos fazendo nos estudos que abordam a inserção de você em outras funções gramaticais (acusativo, dativo, oblíquo e genitivo), resolvemos analisar como ocorre a variação entre as formas do paradigma de *nós* e de *a gente* também nas demais funções sintáticas, como complemento de verbo e de nome. Seguindo a orientação da Sociolinguística de base laboviana, a análise quantitativa levou em conta dados de fala na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados mostraram que formas do paradigma de '*a gente*' são mais frequentes no sintagma verbal, ao passo que, no interior do sintagma nominal, o uso das formas do paradigma de *nós* ainda se mantém produtivo (*nosso/nossa* é mais produtivo do que *da gente*).

Há outros artigos sobre o tema, mas menciono agora artigos sobre a emergência de *você* no quadro pronominal. Um deles, bastante citado, foi feito com a Professora Silvia Regina de Oliveira

Cavalcante da UFRJ. O estudo intitula-se *A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te* e também foi publicado na Revista *Linguística* da ALFAL em 2001. Trata-se de uma das referências pioneiras nessa abordagem porque traz uma análise sobre as consequências da inserção de *você* no quadro do português brasileiro a partir da correlação entre o avanço dessa nova forma na posição de sujeito e a retenção do clítico *te* como complemento acusativo e dativo. A amostra analisada ainda era bastante preliminar e foi ampliada aos poucos. Neste trabalho analisamos somente cartas pessoais escritas no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. Mais recentemente, nos capítulos que publicamos no livro *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista* já temos dados de outras localidades brasileiras, por isso considero este artigo pioneiro, uma vez que o modelo de análise serviu de base para vários trabalhos desenvolvidos pela nossa equipe do Rio de Janeiro e de outros estados do Brasil. Os resultados encontrados mostraram as consequências da implementação da forma *você* como forma de tratamento: à medida em que a forma *você* vai ganhando terreno na função de sujeito, formas alternantes de acusativo e dativo também se fazem presentes (*Ihe, você, o/a, para/a você*, etc), mas em menor escala em relação ao clítico *te* que se manteve sempre muito frequente. No período em que houve maior índice de mistura de tratamento *tu/você* nas cartas, aumentam os índices do dativo nulo, e depois, quando o sistema se estabelece com a forma *você* na posição de sujeito, o *te* retoma a sua supremacia tanto como acusativo quanto como dativo.

Buscando entender a retenção do clítico *te* em detrimento das formas do paradigma de *você*, destaco o estudo *A frequência e o delineamento da gramática: a afixação do clítico te no português brasileiro* que foi publicado na Revista *Veredas* em 2013. O artigo escrito com Thiago L de Oliveira, hoje docente da UFRJ, e Camila Souza, ex-orientanda de Mestrado, procura discutir de que maneira a alta produtividade do clítico *te* no português brasileiro (PB) pode ser interpretada como um caso de gramaticalização. Para tanto, partimos de dados sincrônicos e diacrônicos do PB acerca dos usos dos pronomes de segunda pessoa do singular nas funções acusativa e dativa, ou seja, de estudos como o de Lopes e Cavalcante (2011). A hipótese é de que a alta frequência do *te* favoreceu uma automação da estrutura como marca de 2ª pessoa do singular. Essa automação, por um lado, estaria deslocando a forma *te*, em um *continuum* de gramaticalização, da categoria dos clíticos para a dos afixos e, por outro lado, poderia levar a sua opacidade semântica, gerando as construções com redobro (*eu te falei para você*).

Cito também o artigo *O quadro de pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino* publicado na Revista *Matraga*, em 2013, em que discuto a contribuição da pesquisa científica para o

ensino do português, analisando o quadro de pronomes pessoais apresentado em 14 livros didáticos de português utilizados no ensino fundamental e médio. Os resultados da análise mostraram os seguintes problemas no material didático: (i) as formas pronominais *você*, *vocês* e *a gente* que são usuais no português brasileiro não constam do rol de pronomes pessoais; (ii) a correlação entre as formas tratamentais do paradigma de *tu* e de *você* ainda é condenada pelos autores dos manuais didáticos e vista negativamente como “mistura de tratamento”.

Seleciono outro texto bastante usado nos cursos de graduação e pós-graduação e que foi revisitado como artigo. Publicado na Revista Laborhistórico, v. 1, n.2, em 2015, o trabalho *Tópicos de história do português pelo viés da gramaticalização* discute os conceitos básicos do fenômeno da gramaticalização, aplicando-os a fenômenos de mudança na história do português. A proposta de cunho didático baseia-se na versão mais clássica do paradigma da gramaticalização abordando, principalmente, a perda e adoção de propriedades morfossintáticas nos processos de recategorização. Além dos exemplos recorrentemente utilizados na discussão do fenômeno de gramaticalização (*amare habeo* > *amarei*; nome *mente* > sufixo adverbial), outros fenômenos relevantes para a história do português são abordados: a pronominalização de nominais (*gente* > *a gente*, *Vossa Mercê* > *você*) e a formação de juntivos/conjunções/conectores a partir de advérbios. A análise dos casos escolhidos comprova que a gramaticalização não é um processo que possa se extinguir, mesmo nos estágios cronologicamente mais avançados. As descrições apresentadas evidenciam que, nos processos de gramaticalização, há sempre permanências ou resquícios de etapas anteriores. A identificação de propriedades formais e semânticas que persistem nos itens/construções gramaticalizadas ajuda a compreender algumas aparentes idiosincrasias comuns a categorias gramaticais oriundas de processos de gramaticalização.

Saindo da seara da gramaticalização, mas mantendo-me ainda na Sociolinguística Histórica, cito o texto *Tradição Discursiva e Mudança no Sistema de Tratamento do Português Brasileiro: Definindo Perfis Comportamentais no Início do Século XX*, que foi publicado na *ALFA: Revista de Linguística* da UNESP, em 2011. Neste artigo, publiquei os resultados do pós-doutorado realizado na Universidade de Tübingen, na Alemanha sob a supervisão de Johannes Kabatek. A proposta era aliar alguns pressupostos da Teoria da Variação e do modelo das Tradições Discursivas para delimitar os sistemas de tratamento vigentes no início do século XX em documentação produzida por brasileiros. Com base em cartas pessoais escritas entre 1906 e 1937, postulei 4 padrões diferentes a partir da distribuição das formas tratamentais encontradas nas cartas. Como mencionado antes, foi possível visualizar graficamente comportamentos distintos.

Por fim, menciono a nova direção da pesquisa de teor mais experimental. Em parceria com Thiago Oliveira que tem adotado essa linha em suas pesquisas, escrevemos o artigo *A Expressão da 2ª Pessoa do Singular: Variação e Percepção numa Abordagem Experimental* que ainda contou com uma terceira autora: Bruna Brasil. O artigo foi publicado em 2016 na *Revista todas as letras* (MACKENZIE. Online). Neste artigo, apresentamos os resultados preliminares de uma pesquisa sobre a variação entre as formas *tu* e *você* no português brasileiro (PB) e a percepção que falantes nativos, residentes no Rio de Janeiro, têm dessas variantes. Fizemos um experimento, por meio da aplicação de um teste que consistiu em julgamentos de aceitabilidade. Nossa hipótese central era a de que existem diferenças significativas de *aceitabilidade*, nos termos de Schütze e Sprouse (2013), do uso de *tu* e *você*, mesmo na fala carioca, em que as duas formas são empregadas, e que tais diferenças são motivadas por fatores sociopragmáticos. Como aparato teórico, adotamos a Sociolinguística Laboviana e a Pragmática Sociocultural. Os primeiros resultados evidenciaram um alto grau de aceitabilidade do *você* nos diferentes tipos de interação controlados no experimento. O mesmo não se verificou para o *tu*, que incitou um comportamento mais vacilante durante o julgamento.

Além dos livros e artigos, publiquei quase **40 capítulos** em livros de editoras nacionais e internacionais. Destaco, para finalizar, as publicações mais recentes. Considero que os trabalhos de maior peso foram publicados no livro da Contexto *Mapeamento Sociolinguístico do português brasileiro* organizado por Marco Antonio Martins e Jussara Abraçado em 2015. Neste livro, Juliana Segadas Vianna e eu tentamos dar um panorama geral dos estudos sobre a variação entre *nós* e *a gente* nas várias regiões brasileiras, mostrando em que áreas a substituição pela forma inovadora está mais acelerada. As outras publicações de destaque mais recente seriam os dois capítulos publicados na Coleção História do Português Brasileiro editada por Ataliba de Castilho e lançada pela Editora Contexto em 2018. Os dois primeiros capítulos sobre a reorganização no sistema pronominal de segunda pessoa: a posição de sujeito (capítulo 1) e outras relações gramaticais (capítulo 2) constituem um trabalho sólido que reúne uma síntese dos estudos parciais feitos por uma forte equipe de pesquisadores brasileiros interessados no tema.

Organizei com Leonardo Marcotulio e Márcia Rumeu o capítulo 1, intitulado “A reorganização no sistema pronominal de 2ª. pessoa na história do Português Brasileiro: posição de sujeito”, contando ainda com outros autores das diversas equipes regionais do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). Na primeira parte desse capítulo, são apresentados aspectos históricos, teóricos e metodológicos sobre as formas de 2ª pessoa na história do português. Na segunda parte, apresentamos uma análise descritiva do emprego das estratégias de referência ao sujeito de 2ª

pessoa do singular em *corpora* diversificados das diferentes regiões do Brasil nos séculos XIX e XX. A ideia era apresentar um panorama mais representativo do PB a partir dos resultados obtidos em documentação de mesma natureza produzida nas localidades brasileiras estudadas até agora no âmbito do *Projeto Para a História do Português Brasileiro*. Essa análise contrastiva de natureza diatópico-diacrônica foi feita com base na produção escrita de brasileiros de diferentes Estados. Iniciamos pela região sudeste com resultados de três localidades: a seção do Rio de Janeiro foi elaborada pela nossa equipe da UFRJ, a de Minas Gerais foi feita por Márcia Rumeu e estudantes e a de São Paulo, por Vanessa Monte e Sabrina Balsalobre. A seção seguinte refere-se à região sul, representada apenas por Santa Catarina e feita por Izete Coelho e Christiane Souza. A região nordeste reúne três localidades: a seção da Bahia, feita por Zenaide Carneiro, Aroldo Andrade e Marina Oliveira; Pernambuco, por Valéria Gomes e Rio Grande do Norte, por Marcos Martins e Kássia Moura. Os resultados remontam à primeira metade do século XIX até o século XX. Correlacionando sincronia e diacronia, tentamos mostrar se havia, na documentação remanescente, vestígios das diferenças atuais no sistema pronominal do português brasileiro: (i) *você* (como único tratamento pronominal empregado); (ii) *tu* (uso também exclusivo); (iii) *você~tu* (coexistência das duas formas variantes). O capítulo apresentou alguns resultados que são ponto de partida para estudos posteriores. Observamos que as formas de tratamento *tu* e *você* foram registradas em todas as amostras regionais, ainda que, nem sempre, nos dois séculos analisados. Além dessas formas, outras estratégias também foram verificadas, principalmente, em fins do século XIX: *Vossa Excelência* (BA), *Vossa Senhoria* (BA), *Vossa Mercê* (MG, BA e PE), *O Senhor* (BA, PE e RN) e *Vós* (BA).

No capítulo 2, “A reorganização no sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais”, Thiago Oliveira, Leonardo Marcotulio, Camila Duarte de Souza, Rachel Lucena e eu procuramos dar continuidade ao tópico dos pronomes de 2ª pessoa do singular na história do português brasileiro. O foco eram, porém, as outras relações gramaticais diferentes do sujeito (objeto direto, objeto indireto, oblíquos e genitivo). Uma vez que o *você* passou a integrar, ao longo do tempo, o sistema do PB variando com o pronome *tu*, nosso questionamento era sobre o comportamento das outras posições sintáticas, observando se as formas do paradigma do pronome *você* passaram a ser utilizadas com a mesma força com que são empregadas na posição de sujeito. No capítulo, analisamos a escrita de brasileiras e brasileiros registrada em cartas pessoais, produzidas entre os séculos XIX e XX e em sete estados diferentes (Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Santa Catarina). O trabalho mostra que o processo de variação na expressão da 2ª pessoa do singular se revela mais complexo e delicado em posições

sintáticas diferentes do sujeito, visto que, em algumas delas, as formas relacionadas ao *tu* se mantiveram, com o passar do tempo, como variantes bastante frequentes na escrita pessoal.

Vou retomar dois capítulos já mencionados na seção de pesquisa, porque constituem o resultado de um trabalho bastante árduo de preparação e dedicação. Trata-se dos dois capítulos publicados no *The Handbook of Portuguese Linguistics* lançado pela John Wiley & Sons em 2016. O primeiro capítulo intitulado *History and Current Setting* foi escrito em parceria com a Professora Maria Teresa Brocardo, da Universidade Nova de Lisboa. No capítulo fazemos, na primeira parte, um resgate das principais mudanças linguísticas do latim ao português, apontando fatores condicionantes e problemas na periodização na história do português. Na segunda parte, situamos brevemente a dimensão histórica do português brasileiro, retomando os agentes das origens do português do Brasil. Por fim, são apresentadas as principais características contrastantes e mudanças no PB e PE com um resumo de algumas distinções fonológicas e aspectos morfossintáticos.

No capítulo 26, *Main Morphosyntactic Changes and Grammaticalization Processes*, que foi escrito com a mesma pesquisadora, retomamos o conceito de mudança morfossintática por gramaticalização, discutindo o gradualismo do processo a partir dos princípios da persistência e decategorização. Além de aplicar os pressupostos a exemplos canônicos, apresentamos outros casos de decategorização que ocorrem nas mudanças no quadro pronominal do português a partir da pronominalização de nominais: o pronome pessoal *ele(a)*, o pronome indefinido *homo* > *ome* no português medieval, de *gente* a *a gente*, de *Vossa Mercê* a *você*, etc).

## **7. Outras atividades: bancas examinadoras, concursos públicos, extensão, consultoria na CAPES**

Há outras atividades inerentes à atuação acadêmica que não foram mencionadas e que são importantes para nossa atualização. Estariam nesse caso as participações em bancas de Mestrado, Qualificação e Doutorado. Nesses 24 anos de UFRJ, participei de 44 bancas de Mestrado, 20 de Doutorado e 13 exames de qualificação, além de ter sido leitora-crítica de 12 trabalhos de conclusão de curso de graduação. Quanto aos concursos públicos para professor, participei da seleção de docentes na UNESP de Araraquara, em 2011, e na USP, em 2009. Atuei diversas vezes em outros concursos tais como: professor substituto na UFRJ, seleção para ingresso na Pós-Graduação, vestibular da UFRJ e seleção de monitores de disciplina.

Quanto às atividades de extensão, confesso que não atuei intensamente nessa base do tripé

que fundamenta a atuação como docente. Particpei ministrando cursos na UFRJ e fora dela, além de organizar eventos. O olhar para a sociedade nunca se perdeu. Em 2003, ministrei o curso *a redação no vestibular da UFRJ: encerramento: síntese e avaliação* no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ na Praia Vermelha. Em 2004, ministrei o curso *O pronome: o quadro em uso*, que foi organizado pela Diretoria Adjunta de Cultura e Extensão da Faculdade de Letras da UFRJ. Em 2008, ministrei, na UFSC, o minicurso *Gramaticalização: definição, princípios e análise de casos*. Em 2011, ofereci, com a Professora Silvia Cavalcante, outro curso de extensão na UFRJ: *Projetos de monografia: temas de pesquisa em língua portuguesa*. Em 2013, organizei, na qualidade de Presidente da comissão organizadora do evento, o *I Simpósio do Laborhistórico: História dos Pronomes de Tratamento no Português Brasileiro*, na Faculdade de Letras da UFRJ, com apoio da CAPES e CNPq. Destaco, para finalizar, a minha participação na elaboração da matéria *Ora pois uma língua bem brasileir*, publicada na Revista Pesquisa da FAPESP, em abril de 2015, divulgando a pesquisa desenvolvida pela equipe do Projeto de História da Língua na UFRJ, sob minha coordenação. Trata-se de um trabalho importante de divulgação científica da pesquisa desenvolvida. Como se vê, embora tenham sido poucas atividades de extensão, elas sempre estiveram presentes na minha vida acadêmica.

Destaco ainda a importância de ter atuado, em 2015 e 2017, em reuniões junto à coordenação da área de Linguística e Literatura da CAPES, para classificar qualitativamente os Livros da área (*Qualis Livros*). Nessas reuniões, avaliávamos a produção intelectual dos programas de pós-graduação do Brasil, no que se refere à produção de livros autorais e organizados pelos pesquisadores brasileiros, observando circulação, autoria, impacto da obra na área, premiação, entre outros critérios. A avaliação de livros é uma atividade peculiar, uma vez que não há parâmetros internacionais para a classificação de livros como existem para periódicos. É uma atividade importante para a nossa área em que os livros constituem produção significativa e tradicional. Além da avaliação dos livros, participei, em 2011, também a convite da CAPES da Reunião de APCN - Aplicativos de Propostas de Cursos Novos. Nessas reuniões tomamos decisões quanto à proposta de abertura de cursos novos de pós-graduação stricto sensu, mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado.

Ainda há outras atividades que poderia mencionar e que constam no relatório de atividades, como o fato de ter atuado como Delegada da ALFAL – Associação de Linguística e Filologia da América Latina e por ter participado de 2008 a 2014 na Comissão Diretiva dessa associação como Vogal.

## **8. Palavras finais**

Por fim, considero que o mais importante da minha vida acadêmica tenha sido o contato com as pessoas que cruzaram meu caminho como estudantes, orientandos, professores, funcionários, pesquisadores. A rede social da docência e da pesquisa nos engrandece e a juventude dos olhos que se iluminam nas aulas nos torna também sempre jovens. Os estudantes dos cursos de graduação no Brasil e no exterior sempre foram uma grande motivação e incentivo. A minha timidez se desfaz no grande palco da sala de aula onde me visto de um personagem mais confiante e menos introspectivo. Agradeço aos estudantes o convívio diário que nos faz envelhecer mais lentamente. Os orientandos são o motor da investigação científica. Eles nos fazem pensar e abrem nossas mentes para novas descobertas. Tudo que fiz na pesquisa começou a partir desse contato com os orientandos, por isso digo e repito as palavras de Dinah: a pesquisa começa quando concluímos o Doutorado. Os professores e pesquisadores também são essenciais na nossa formação. Sempre tive muita ajuda e partilhei momentos únicos nas diversas parcerias que tive ao longo da vida acadêmica. Agradeço a todos que passaram pela minha vida. Também serei sempre grata aos funcionários com quem trabalhei antes de ser docente e depois, atuando na coordenação da pós-graduação. Compartilho uma convivência saudável na universidade e todos que a integram são meus parceiros incansáveis na luta pela garantia do ensino público, gratuito e de qualidade.

## 9. Referências

- BRIZ, A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada en la conversación. In: BRAVO, D.; BRIZ, A. *Pragmática sociocultural – Estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Ariel, 2004, p. 67-93.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. Sobre “Formas de Tratamento” na língua portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte/Coleção Horizonte, 1972.
- COMPANY, Concepción. "Gramaticalización, género discursivo y otras variables en la difusión del cambio sintáctico." *En Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico. Nuevas perspectivas desde las tradiciones discursivas* (2008): 17-52.
- DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da língua portuguesa*, 5a ed, Lisboa, Caminho: 275-320, 2003.
- HEIDEGGER, Martin, Dulce Mára Critelli, and Solon Spanoudis. *Todos nós--ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Editora Moraes, 1981.



- HEINE, B. Grammaticalization. In B. D. Joseph and R. E. D. Indian (eds.), *The handbook of historical linguistics* (pp. 575-601). Oxford: Blackwell, 2003.
- HOPPER, P.J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Company, Volume I, 1991. p. 17-35.
- KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (Org.). *Psicolinguística, psicolinguísticas*. Rio de Janeiro: Contexto, 2015, p.143-156.
- LABOV, William. *Principles of language change: Internal factors*. 1994.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: Synchronic Variation and Diachronic Change. In: *Lingua e Stile*, a. XX, n. 3, julho-setembro, 1985, p.303-318
- LOPES, C. R. S., RUMEU, M. C. B., MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. 1 ed. Niterói : Editora da UFF, 2011, p. 315-348.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, p. 47-74, 2009.
- LOPES, C.R.S.; CAVALCANTE, S.O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. In: *Linguística*. 2011, v.25, p. 30-65.
- LOPES, C.R.S.; REICH, U. (org.). *Neue Romania - 39 : Variação Lingüística em Megalópoles Latino-Americanas*. Veröffentlichungsreihe des Studienbereiches/Instituts für Romanische Philologie der FU Berlin, 2009.
- MACHADO, Ana Carolina Morito. *As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX*. 2011. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inédita.
- MALISI, C. TraDisc Manual. Disponível em: <[http://www.sfb441.uni-tuebingen.de/b14/TraDisc-Handbuch\\_en.pdf](http://www.sfb441.uni-tuebingen.de/b14/TraDisc-Handbuch_en.pdf)>. Acesso em: 03 maio 2010.
- SOUZA, J. P. F. de. *Mapeando a entrada do Você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I.: Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (Ed.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p.95-195.